

# PESSOAS LUGARES

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Director: Samuel Thirion

Nº 24 | Novembro 2001 | Preço: 1 Euro

## Desenvolvimento Sustentável uma referência comum

*Caderno temático inserido nesta edição*



Foto: Isto é

P4 e P5 SAP, SEP, SIP | P 8 e 9 Aldeia da Cuada | P12 e 13 Pessoas | P10 e 11 Cooperação com Cabo Verde  
P14 e 15 Actividades da Rede | P20 Talha

No momento em que se está a transpor para o LEADER + todo o capital de conhecimentos e metodologias adquirido no LEADER II, a questão da parceria aparece cada vez mais como a questão central sobre a qual as atenções deverão ser reforçadas, sendo o maior factor de sustentabilidade do desenvolvimento local. Por outras palavras, como já foi referido por várias pessoas em diversas ocasiões, o "+" do LEADER deverá assentar, acima de tudo, na parceria. Não só na parceria local (horizontal) nos territórios rurais, mas também na chamada parceria vertical (parceria entre o Ministério e as ADL e outros actores do terreno). É nesta perspectiva que se inscreve o trabalho agora realizado pelo grupo de ADL que, conjuntamente com a Célula de Animação, se mobilizou desde o mês de Setembro sobre o tema da análise e acompanhamento de projectos, procurando identificar os métodos mais pertinentes de partilha de informação para que esta actividade, que constitui o coração do trabalho de animação local no LEADER, seja o mais partilhado possível, numa relação de parceria entre as ADL, os actores locais e o Ministério da Agricultura aos mais diversos níveis.

## A informação partilhada como base de uma parceria efectiva

Dando continuidade às reflexões apresentadas no "A abrir" do último número, a parceria aparece como o factor essencial de sustentabilidade e de qualidade dos processos de desenvolvimento local. O caderno temático inserido nesta edição do jornal vem mais uma vez recordá-lo: a parceria é a base que permite potencializar e juntar as energias humanas e sociais existentes num território e ganhar a força necessária em termos de mobilização de competências, recursos financeiros, meios de actuação, etc. para encontrar a melhor forma de responder às necessidades do território, criar novas actividades, novas empresas, interligar os projectos e assegurar um desenvolvimento local sustentável.

Ora, a parceria passa em primeiro lugar pela comunicação entre os parceiros, pela capacidade de falar uma linguagem comum, utilizar as mesmas referências em termos de informação, permitindo a cada actor local ter uma visão global e partilhada sobre os processos de desenvolvimento local no seu território. No LEADER I e II as reflexões estratégicas, as análises de projectos, as propostas e decisões de financiamento, as avaliações pontuais ou globais, mantiveram-se ainda, na maior parte das vezes, confinadas no seio das próprias ADL, e muitas vezes até unicamente ao nível das suas equipas técnicas ou respectivas direcções.

Esta questão, debatida durante os três anos de actividades da Célula de Animação LEADER II, continua a ser de actualidade e da maior importância: o desenvolvimento local e as ADL dificilmente poderão ganhar sustentabilidade enquanto a reflexão sobre o mesmo desenvolvimento local não sair das ADL para entrar na sociedade local, enquanto os seus parceiros não partilharem esta reflexão, não forem cúmplices e não se sentirem tão agentes de desenvolvimento local como os próprios técnicos das ADL. Por isso a maior mudança a introduzir no LEADER + será a partici-

pação efectiva dos parceiros no acompanhamento dos projectos e dos processos de desenvolvimento local, com uma preocupação de pedagogia e de reflexão partilhada.

Ora esta partilha da reflexão passa, em primeiro lugar, pela partilha da informação e pela possibilidade de participar na sua produção. É com esta perspectiva que se mobilizou, desde o mês de Setembro, um novo grupo de trabalho composto pelas ADL Corane, Desteque e Raia Histórica, conjuntamente com a Célula de Animação e um elemento do Ministério (e desta vez também com uma participação estrangeira através da presença de Luca Marangoni, da Região Emilia Romana), para conceber, experimentar e propor um método que permita esta sistematização da informação sobre os projectos locais e a sua produção de uma forma participada. O Método que está em construção chamar-se-á Método de Sistematização da Informação Participativa (método SIP) e será um complemento fundamental dos métodos SAP e SEP, permitindo potencializar estes últimos, respondendo precisamente às dificuldades que se encontram na sua aplicação (ver artigo a este respeito neste número do jornal).

Como os dois primeiros métodos, este põe em relevo o "P" do Participativo, e desta vez, não para uma actividade específica delimitada no tempo (momentos de auto-avaliação no SAP e de preparação de estratégias no SEP), mas sim como a situação corrente e quase permanente da análise e acompanhamento dos projectos e dos processos de desenvolvimento local no território. Aliás, no trabalho que se iniciou neste grupo, descobriu-se que existem já alguns métodos experimentados pelas ADL no LEADER II, no sentido de facilitar a participação dos actores locais no acompanhamento dos projectos e na produção de informação sobre eles, como por exemplo na Desteque, aonde

estão a ser experimentadas fichas de visitas a projectos preenchidas por parceiros da ADL. O grupo pretende, portanto, partir destas experiências e elaborar um método que sistematize esta participação na produção e partilha da informação.

Esta partilha de informação também diz respeito ao Ministério, e aqui entramos na outra dimensão da parceria, ou seja a parceria vertical. De facto, o método SIP em construção pretende sistematizar o acompanhamento dos projectos, não só do ponto de vista financeiro e da sua realização física, mas também do ponto de vista dos métodos de implementação e do impacto, partindo da constatação que a metodologia de implementação dos projectos tem muito mais impacto sobre o desenvolvimento local do que o conteúdo dos projectos propriamente dito. Podendo sistematizar este tipo de informação mais qualitativa e transmiti-la não só aos parceiros locais mas também ao próprio Ministério, podemos apostar numa relação de maior compreensão e cumplicidade com as entidades regionais e nacionais e também contribuir para uma maior compreensão e visibilidade do Programa LEADER na sua globalidade. Não se trata pois de facilitar apenas a agregação dos dados quantitativos a nível nacional, mas também de alimentar esta visão qualitativa do LEADER.

A aposta do grupo de trabalho agora constituído é portanto grande e, apesar de ser um grupo relativamente reduzido, trabalhará em parceria com outras ADL ou outros actores que manifestaram interesse neste trabalho, nomeadamente as ADL que participaram na elaboração do SAP e do SEP, partilhando a informação e trocando ideias com elas ao longo deste processo.

Samuel Thirion  
sthirion@inde.pt

# Parceiros & parcerias [2]

**Os métodos utilizados nos processos de formação das parcerias, são a causa Mãe de todas as suas virtudes ou perversões futuras!**

Este é o segundo artigo sobre o tema dos "parceiros & parcerias". Se para tanto chegar "o papel" conto voltar ao tema para tentar provocar a participação de eventuais e desconhecidos parceiros interessados nestas questões. Depois de no número anterior ter feito alguns comentários sobre a banalização inconsequente do conceito -"parceria"- penso ser útil deter-nos sobre:

- os processos de formação de parcerias,
- a natureza dos objectivos,
- os métodos de funcionamento,
- os custos inerentes à sua animação e dinamização,
- a influência da escala e abrangência, populacional e/ou territorial, no seu funcionamento, etc.

Hoje tentaremos reflectir sobre "os processos de formação de parcerias" à luz das experiências observadas durante a aplicação do Programa LEADER I e II e das directivas dadas para a operacionalização do LEADER+.

Se a parceria é - "uma reunião de indivíduos para um fim de interesse comum" e se, como em todas as coisas tem que haver sempre um princípio; neste caso, o princípio será: - estabelecer um interesse/objectivo e, depois, ir à procura de quem partilhe desse mesmo interesse/objectivo e esteja interessado em agir em comum, ou...ainda sem interesse/objectivo definido, só com o fim pedagógico de estimular "o método de agir em parceria" ir à procura de quem esteja interessado em ser parceiro da descoberta daquilo que possa ser identificado colectivamente como um interesse/objectivo comum? (esta uma das grandes diferenças nos métodos de elaborar os PDI para o LEADER +)

Tendencialmente, a primeira maneira de proceder leva às chamadas "parcerias de papel" ou parcerias PARA ESTILO, ou, dito de forma mais tradicional e popular, parcerias "para inglês ver"!

Se uma Associação (juridicamente legalizada) resultante dum prévio entendimento entre uma parceria informal, ao formalizar-se, estabeleceu consensualmente os seus interesses/objectivos, tendo para isso passado por um processo de harmonização dos interesses individuais dos parceiros, estabelecendo regras apropriadas ou aceites por todos; pretender integrar na sua acção um número significativo de novos parceiros, tem de optar entre dois métodos:

- ou recomeça o processo de discussão e harmonização de interesses, submetendo as decisões até então tomadas, à aprovação da nova maioria de parceiros efectivos;

- ou limita-se a aceitar ou procurar novas adesões de concordância parcial, sem que essas adesões sejam à estratégia global da entidade, ou à entidade ela própria, mas tão só aos objectivos parciais a que uma determinada acção ou projecto diga respeito.

O primeiro caso parece-me que só muito excepcionalmente pode acontecer. É da ordem natural das coisas que, só Homens ou Instituições de excepcional desprendimento dos seus mais legítimos interesses, aceitam submeter-se a coerentes regras democráticas, quando isso os possa eventualmente prejudicar, ou a isso não são legalmente constrangidos.

No segundo caso, é inevitável que em torno da parceria - Mãe (Associação com personalidade jurídica, parceria mais antiga, com uma estratégia mais abrangente e até territorializada, etc.) tenham que surgir parcerias ou "sub-parcerias" determinadas por interesses objectivos parciais em relação às estratégias mais

globalizadas das "parcerias-Mãe".

Pretender "meter tudo no mesmo saco", imaginar que é praticável confundir Parceria numa zona de Intervenção LEADER, parceria sub-regional, com uma parceria local; imaginar que representantes da Administração Pública e os dirigentes e técnicos das organizações da Sociedade Civil estão preparados e têm condições objectivas para trabalhar em parceria; apregoar eufemisticamente a criação de PARCERIAS desinteressando-se da formação dos parceiros para as práticas democráticas; exigir a apresentação formal de listas de parceiros sem ter a possibilidade material de verificar por que processo de participação é que tal ou tal adquiriu essa qualidade; exigir qualidade, autenticidade e transparência no funcionamento das parcerias sem afectar minimamente os recursos indispensáveis ao justo pagamento do trabalho que isso implica... é, em meu entender, a prova evidente de que quem enquadra e determina as normas de conduta não acredita naquilo que diz, e quem as aceita sem protestar e fundamentar a sua impraticabilidade, age por incompetência ou receio de vir a ser penalizado, gerando-se assim uma tácita cumplicidade baseada em sub-entendidos que fazem da maioria das "parcerias" existentes, "parcerias PARA ESTILO".

Limito-me a tentar fazer eco daquilo que constato, sem a pretensão de afirmar que a análise daquilo que presencio é "a mais correcta, única e verdadeira".

Estou convicto que em relação à existência e funcionamento de parcerias, é no universo do Programa LEADER que se deram e estão dando os maiores avanços e fazendo sinceros esforços para aperfeiçoar as práticas de "trabalhar em parceria", o que é diferente de pertencer a uma parceria que não implique "trabalhar em conjunto".

Mas também é verdade que o Programa LEADER tem responsabilidades acrescidas na matéria. Desde o seu início, porque para isso foi criado, para a *Ligação Entre Acções de Desenvolvimento da Economia Rural*, deveria ter sido um programa com uma metodologia de trabalho assente em parcerias. Com dez anos de prática, tem certamente uma acumulação de experiências que importa conhecer e debater sem falsos complexos de culpa.

O LEADER sempre se afirmou como um programa de concepção e práticas pioneiras e inovadoras, e tem-no sido na medida do possível, mas... para quem está imbuído do espírito do Desenvolvimento Local

segundo a metodologia LEADER, não pode haver auto-satisfação! É obrigatório questionar permanentemente aquilo que fizemos, analisar de que maneira poderíamos obter melhores resultados, fazendo diferente!

Trabalhar de maneira diferente os processos de mobilização e organização de todas as parcerias necessárias ao Desenvolvimento das populações e ao crescimento da riqueza dos nossos territórios, parece-me ser a questão chave. Uma questão decisiva, quer para melhorar as condições de vida no território, quer para assegurar estabilidade e longevidade à entidades que protagonizam esse esforço de Desenvolvimento.

Antes de passar a um próximo artigo sujeito ao mesmo tema, gostava de vos expor algumas dúvidas, (tenho imensas) sobre os seguintes aspectos:

- Quem podem ser os membros da parceria GAL? Somente os associados da entidade local gestora do Programa?

- Quais os parâmetros que servem para demonstrar se uma parceria é suficientemente abrangente e representativa?

- A parceria GAL de uma Associação que operacionalize vários programas e desempenhe várias actividades deve ser sempre a mesma?

- Ou...deve haver uma parceria específica para cada Programa?

- Ou...por cada área de actividade ou espaço local - territorial?

- As Associações deveriam criar parcerias a diversos níveis e com diversos objectivos, partindo "de baixo para cima" até à "parceria de articulação" de todas as outras?

- A formação dos parceiros de todas as parcerias necessárias à implantação duma estratégia de Desenvolvimento Local territorial deve ser interpretada como uma aquisição de competências do GAL, ou como uma acção de formação para aumentar as competências do território?

De momento, paro por aqui, porque as dúvidas são tantas que só muitas e pacientes discussões colectivas poderiam ajudar a consensualizar respostas coerentes e aplicáveis à maioria das situações existentes por muito diversas que elas sejam.

Camilo Mortágua  
mortagua@inde.pt  
Álvito, Novembro de 2001

**Podia ser uma canção, mas não é... as ADL portuguesas empenhadas na concepção destes instrumentos querem que sejam uma proposta metodológica integrada e coerente com ferramentas de trabalho concretas para a animação das diferentes fases dos processos de desenvolvimento local. Além fronteiras há quem se interesse, valorize e queira participar.**

## SAP, SEP, SIP...



foto: Samuel Thiron

### Concertar o SEP para o divulgar (mais)

Desde a apresentação do Método SEP (Sistematização de Estratégias Participativas), no seminário de Viana do Castelo em Março de 2000, que o grupo de trabalho responsável pela elaboração desta metodologia de apoio à definição de estratégias e elaboração de planos de desenvolvimento tenciona melhorá-la para a disponibilizar às restantes ADL.

No mês de Julho uma nova versão deste documento de trabalho foi enviada a todos os Grupos LEADER, na expectativa de que lhes pudesse ser útil para a concepção do PDI LEADER+. Na sequência desse envio, o grupo de trabalho solicitou às ADL, por um lado as suas opiniões e contributos sobre o método e, por outro lado uma informação sobre o processo que cada uma seguiu para montar o seu Plano de Desenvolvimento Local.

O método de Sistematização da Auto-avaliação Participativa (SAP), cuja última etapa deu origem ao aparecimento do método SEP, já havia conhecido uma razoável difusão noutras regiões da Europa, pois apresenta uma contribuição para a avaliação ascendente do programa LEADER, tendo em conta as suas especificidades e aspectos qualitativos. Este interesse foi demonstrado pela Comissão Europeia e pelo Observatório Europeu aquando da participação no Seminário realizado em Viseu e na posterior divulgação do SAP noutros eventos, nomeadamente nas Astúrias e na Sicília.

À boleia do SAP, o SEP viajou até Itália. Na Emilia Romana, pela mão do responsável regional pelo LEADER, Luca Marangoni, e com a colaboração da Célula de Animação Portuguesa, o SEP foi adaptado e melhorado, ameaçando tornar-se o método indicado pela administração regional para a elaboração dos planos de desenvolvimento local.

Com o objectivo de trocar informação, discutir os comentários enviados pelas restantes ADL e acompanhar a evolução do método na Emilia Romana, o grupo de trabalho constituído pela ADRAT, BEIRA DOURO, DESTEQUE, DOURO HISTÓRICO (e com uma participação pontual da DUECEIRA) reuniu-se mais uma vez no dia 25 de Setembro, em Vila Real.

A discussão centrou-se na oportunidade de introduzir melhoramentos ao método com base na sua utilização pelas ADL. Contudo, a falta de oportunidade e de tempo para articular o trabalho realizado por este grupo e as exigências e os critérios definidos no guião para a candidatura, deixou pouco espaço de manobra para a criatividade das ADL e comprometeu a utilidade do método SEP enquanto portador de um valor acrescentado às candidaturas.

As ADL envolvidas no grupo de trabalho concordaram que apenas lhes foi possível integrar alguns elementos de análise e reflexão nos respectivos planos de desenvolvimento local, na medida em que tinham participado na concepção do próprio método. No período de preparação das candidaturas algumas equipas acentuaram a vertente participativa (alargando as consultas a outros actores do território), permitindo enriquecer a análise das competitividades anteriormente realizada exclusivamente pelos técnicos.



foto: Samuel Thirion



De uma maneira geral, pode afirmar-se que a elaboração e a utilização do método contribuiu para a definição da estratégia e para a valorização de alguns aspectos qualitativos, mas que os resultados concretos da aplicação de alguns instrumentos práticos do SEP apenas tiveram cabimento nos anexos do PDL.

Por outro lado, algumas ADL referem as potencialidades do método enquanto ferramenta de apoio à elaboração de outros projectos (como por exemplo as candidaturas à medida 7 do Agris) ou ainda como instrumento de análise estratégica de certos aspectos da intervenção de outros actores locais, como por exemplo as Câmaras Municipais.

Em Itália, na Emilia Romana o lançamento do LEADER+ está mais atrasado. A administração regional vai dar aos candidatos o método SEP como referência metodológica para a preparação das candidaturas, reconhecendo-o, nomeadamente como um bom instrumento para analisar e definir a complementaridade entre o LEADER+ e os outros programas que intervêm no território. Assim, os 6 grupos que vão apresentar candidaturas têm mais tempo para conhecer, modificar e aplicar as metodologias desenvolvidas pelos Grupos LEADER portugueses. A região vai também pedir aos grupos para incluir nas respectivas candidaturas a avaliação do contexto actual (recorrendo à etapa 1 do método SAP), pois consideram o método interessante para fazer o diagnóstico do território. Contudo, este diagnóstico não deverá ser critério de selecção para o LEADER+...

O grupo de trabalho considera ainda que seria vantajoso encontrar um interface informático que facilitasse a utilização e a capitalização dos resultados da aplicação do método SEP.

### Lançar o SIP

Talvez até nem se venha a chamar assim, mas porque não? Para já Sistematização da Informação Participativa é a resposta em curso, ou seja em forma de grupo de trabalho, ao interesse manifestado por algumas ADL em reflectir sobre a análise, selecção e acompanhamento de projectos.

A Quinta do Nadavau a meia dúzia de quilómetros da Meda foi o quadro para um dia de trabalho intenso que reuniu a RAIA HISTÓRICA, a CORANE, a DESTQUE, a Célula de Animação, um representante da administração portuguesa e outro da região da Emilia Romana, que desta vez pretende participar activamente na concepção do instrumento desde a primeira hora.

A Célula de Animação lançou a bola com um primeiro documento de trabalho, estruturado em três partes, que serviu de fio condutor ao debate no sentido de propor uma (ou mais do que uma) metodologia de análise, selecção e acompanhamento de projectos. A primeira parte faz o enquadramento teórico do processo de análise, selecção e acompanhamento de projectos, ilustrado-o com dois exemplos: uma abordagem clássica, fundamentalmente distributiva e uma abordagem inovadora, do tipo LEADER, que valoriza não apenas a execução física, mas também a metodologia de implementação do projecto.

Na segunda parte pretende-se analisar alguns elementos de orientação para a escolha de uma metodologia, nomeadamente o contexto em que a ADL está a trabalhar, o tipo de projecto que se pretende lançar e os objectivos a atingir.

O objectivo da terceira parte do esquema de trabalho é propor metodologias específicas para cada fase do processo de animação relacionado com os projectos (preparação, comunicação, suscitação, análise e selecção, negociação e contratação, acompanhamento e avaliação), sendo que até este momento apenas se começou a trabalhar a metodologia para a fase de acompanhamento de projectos. Identificou-se e analisou-se um conjunto de indicadores para cada um dos quatro tipos de acompanhamento que o método SIP propõe: acompanhamento dos procedimentos; acompanhamento financeiro; da realização física e dos métodos.

No final do dia, definidas as tarefas e os temas sobre os quais cada um iria trabalhar até à reunião seguinte, os membros do grupo separaram-se deixando duas ideias fortes sobre a mesa: tornar as fichas de visita aos projectos uma ferramenta para atingir uma maior participação na informação sobre o acompanhamento dos projectos e articular o trabalho do grupo, ou seja a construção do método SIP, com a elaboração do futuro programa informático de apoio à gestão da iniciativa LEADER+.

Após esta primeira reunião, outros grupos LEADER que manifestaram interesse em participar receberam os documentos de trabalho e foram informados da sequência dos trabalhos do grupo.

### A integração do SIP com o SAP e o SEP

O SIP nasce como um terceiro pilar, complementar ao SAP e ao SEP e que vai dar sustentabilidade a um kit metodológico ao serviço do desenvolvimento local.

Por exemplo, a definição e redefinição de estratégias, apoiada pelo método SEP beneficia com o acesso a uma informação permanentemente actualizada no seio da ADL, sistematizada através do método SIP. Por outro lado, o sistema de acompanhamento projecto a projecto proposto pelo SIP vai permitir, a partir de exemplos concretos, alimentar a auto-avaliação, pois a análise da aplicação da metodologia LEADER (etapa 2 do método SAP) deixa de estar dependente da capacidade de analisar conceitos abstractos.

A ideia apresentada de um kit metodológico de apoio à animação dos processos de desenvolvimento, é um passo de gigante que alguns grupos LEADER, com o apoio da CAL, se propuseram dar. A utilidade e qualidade deste trabalho depende da mobilização das restantes ADL, num processo de melhoramento a partir de novas contribuições e sugestões.

Luis Chaves  
lmchaves@inde.pt



fotos: Rosário Aranha

## Sicília, auto-avaliação e LEADER

O método SAP (sistematização da auto-avaliação participativa) ultrapassou, mais uma vez, as malhas da Rede portuguesa LEADER II. Rumo ao coração do Mediterrâneo, objectivo: Sicília. O interesse pelo método construído pelo Grupo de Proximidade da Beira Litoral Norte, no quadro do trabalho da Célula de Animação LEADER, ultrapassou, há muito tempo, as fronteiras nacionais. Agora, foi a vez de um grupo LEADER siciliano querer saber mais. "A avaliação do LEADER na Sicília: ponto de situação no quadro europeu" foi o tema escolhido para o seminário, organizado pelo "Consortio LEADER Terre del Sosio", que decorreu nos dias 26 e 27 de Outubro em Bisacchino (Oeste da Sicília).

Para situar um pouco a Sicília no contexto deste programa de iniciativa comunitária, é necessário compreender que os 25 grupos desta ilha, de cerca de 5 milhões de habitantes, só tiveram direito a iniciar o seu trabalho, no âmbito do LEADER II, em 1999. A Região da Sicília, gestora do PIC, só abriu os cordéis à bolsa, há pouco mais de um ano e meio. É pouco. No entanto, alguns grupos estão a tentar atingir a melhor taxa de execução possível nestas condições de urgência. O Consortio Terre del Sosio integra-se nesse grupo. "Se não se corre, não se atinge nenhum objectivo". Não obstante, existe uma certa inquietude em relação ao futuro e ao LEADER, caso estes assumam contornos semelhantes aos do passado próximo.

É precisamente com os olhos postos no futuro e imbuídos de uma vontade de conferirem e de afirmarem as suas competências, que os sicilianos decidiram concentrar os seus esforços nesta matéria da auto-avaliação. Não foi só esta aplicação "bottom up" que os seduziu, como também e, sobretudo, o facto de uma avaliação feita a nível local ter sido apresentada a nível nacional e se tenha colocado, assim, numa posição propícia a poder influenciar os níveis superiores de decisão (regional, nacional, europeu). É a ideia do reconhecimento de um capital social local. Para além disso, os promotores deste encontro relevaram também a importância de uma avaliação qualitativa, em contraposição a uma avaliação quantitativa. Ou até, em termos de complementaridade. Sem esquecer também neste quadro de reflexão a participação activa dos actores locais.

Por ironia, embora todos os grupos LEADER da Sicília tivessem sido convidados a participar neste certame, só apareceu um: o GAL Eoro. Quanto aos chamados actores locais, tiveram uma representação quase insignificante. Dessa feita, o desapontamento do Consortio LEADER Terre del Sosio ficou patente e foi mais do que uma vez reafirmado. "Este seminário era suposto constituir-se como fomento de coesão. De facto, isto não aconteceu, devido à ausência dos outros grupos."

O primeiro dia do seminário foi dedicado a um ponto de situação a nível local/regional. Para esse efeito, contou-se com a presença da representante da empresa responsável pela avaliação do programa LEADER Sicília. Logo à partida, a técnica releveu o facto pouco lógico da Comissão pedir uma avaliação ex-post do LEADER, quando este ainda está a decorrer. Também frizou a importância da auto-avaliação dos grupos. Nesse sentido, confessou a sua impotência por falta de meios e de tempo. Daí a empresa ter optado pelo envio de um questionário a todos os grupos de acção local. Por fim, destacou a abordagem territorial do GAL anfitrião como sendo o seu ponto forte a desenvolver, por meio de intervenções transversais e colectivas.

O dia 27 arrancou logo com a apresentação do SAP. Os participantes ficaram entusiasmados e confessaram a sua experiência em termos de auto-avaliação, que se fez a nível individual, ou seja, referente a cada técnico e ao seu próprio trabalho. Este exercício deixou-os insatisfeitos e levou-os a concluir que, o que lhes tinha faltado, entre outras coisas, eram os indicadores de avaliação. Imediatamente a seguir, ouviu-se o discurso do representante irlandês, Michael Omara, de uma associação de desenvolvimento local, "OBAIR-Local Employment Service Network", sediada em Dublin. Os sicilianos também aí ficaram impressionados pela exposição da evolução fenomenal daquela ilha, ao ritmo da integração europeia e da implementação do LEADER.

Na tarde do dia 26, os participantes puderam visitar uma antiga necrópole e um museu arqueológico bastante rico. Estes dois sítios figuram num roteiro de itinerários temáticos, elaborado pelo Consortio, no quadro do programa LEADER. A história conta que a região das Terras del Sosio sofreu várias invasões, ao longo dos séculos, por diversas civilizações: gregos, mou-

ros, albaneses, etc. Os últimos terão sido os alemães durante a segunda guerra mundial.

Embora a riqueza histórica seja manifesta, nota-se que ainda está pouco explorada. A região é pobre. O principal meio de subsistência da população local é uma agricultura pouco rentável e alguns serviços. De resto, também o trabalho é um recurso raro. Aliás, o sintoma mais visível de um desenvolvimento económico precário são as estradas e vias de comunicação, que não fojem a certos modelos portugueses: com curvas e contra-curvas, e um pavimento acidentado e irregular. Por outro lado, nota-se também que os hábitos de respeito pelo meio ambiente são ainda pouco desenvolvidos. E isso verifica-se sobretudo também ao nível da ausência de infra-estruturas e equipamentos apropriados.

O caminho mais seguro para a população jovem parece ser a imigração, seja para o litoral siciliano, mais rico, porque mais virado e preparado para o turismo e para os seus serviços, seja para o continente, seja ainda para o estrangeiro. De facto, os recursos económicos são poucos. No fundo, todo este quadro está muito próximo de muitas das nossas regiões do interior. No entanto, a paisagem é esteticamente rica, o artesanato e a gastronomia também, sem falar numa história e numa cultura em forma de mosaico.

Neste contexto, o LEADER ainda é uma novidade. "Mas já acumulou um património de experiência reconhecido. Pode passar a ser uma referência para todas as outras iniciativas, também como alternativa a outras medidas de desenvolvimento. Além de terem contribuído para qualificar o território, os grupos qualificaram os seus técnicos."

Para fechar o relato deste encontro, falta dizer que os dois grupos sicilianos, aqui referido, têm uma cooperação transnacional com dois grupos portugueses, ADER-SOUSA e ASDEPR, no quadro do projecto "AGROBIOTOUR". Segundo o presidente do GAL Eoro, este projecto foi um abrir de horizontes para os empreendedores locais e o nascer de uma possibilidade para os produtos, oriundos da agricultura biológica, saírem para fora da ilha. No fundo, esta iniciativa, tal como a filosofia LEADER, podem vir a ser autênticas "caixas de ressonância".

Maria do Rosário Aranha  
maranha@inde.pt



fotos: Helena Santos

**Uma Mulher: Maria Emilia Moura Teixeira Queirós. 49 anos. Agricultora.**  
**Um Sonho: "eu queria levar a minha broa aos quatro cantos de Portugal. Eu ia dizer aos quatro cantos do mundo, mas é ambicionar bastante..."**

## "Uma Mulher de Sucesso"

Era uma vez uma agricultora, que vendo-se sem os rendimentos necessários à sua subsistência, resolveu aproveitar o que a terra lhe fornecia e começou a cozer broas.

Esta é a história de Maria Emilia Queirós. Uma mulher «de armas», que perante os percalços da vida ergueu a cabeça e pôs «as mãos na massa». «A agricultura estava de rastos na altura em que eu comecei a cozer, e tinha que arranjar uma alternativa ao trabalho que tinha. Então comecei a cozer e a vender, pouquinho de cada vez, mas começou a dar mais dinheiro que aquele que eu fazia só a produzir o milho e o feijão. A dificuldade de ter a quem vender o cereal foi o que me levou a moer a farinha e a transformá-la em pão.»

Maria Emilia sempre teve a sua vida ligada ao trabalho agrícola. Como ela mesma diz: «Já nasci agricultora.» A poucos quilómetros da cidade de Marco de Canaveses, na freguesia do Freixo, Maria Emilia tem as terras que lhe fornecem a maior parte da matéria-prima necessária à sua produção.

A produtora recorre à produção própria, nomeadamente a cereais como milho e centeio e a frutos como, por exemplo, marmelo, abóbora, pêsego, cereja, chila, etc. Pois, para além da famosa broa de milho e mistura (milho e centeio), pela qual é conhecida nas redondezas, Maria Emilia também faz marmelada e compotas de quase

todo o tipo de frutas. E devido à crescente procura destes produtos, por vezes, Maria Emilia tem de recorrer a produtores que conhece na sua região e que lhe garantem o fornecimento de matérias-primas com características semelhantes, de forma a manter o mesmo nível de qualidade dos produtos.

### Os apoios

O sonho de expansão desta produtora está a concretizar-se aos poucos, pois o Projecto "Tecnologia Caseira", com que se candidatou ao Programa de Iniciativa Comunitária LEADER II, permitiu-lhe melhorar a qualidade dos seus produtos, nomeadamente através de um espaço específico para o fabrico, ou seja, a cozinha tradicional. O programa LEADER permitiu-lhe a aquisição de equipamentos mais adequados como fornos a lenha, bancadas de trabalho, moinhos, amassadeira, fogão e arca frigorífica.

Mas o apoio não ficou por aqui. A comercialização dos produtos também tem sido bastante apoiada pela DOLMEN (Cooperativa de Formação, Educação e Desenvolvimento do Baixo Tâmega), no que se refere à embalagem, rotulagem e imagem dos produtos.

Como nos disse Rolando Pimenta, Presidente desta Associação, "a DOLMEN dá-lhe apoio à

comercialização, pois dispõe de um centro de Artesanato no Cavalinho, em Amarante. E esse apoio é feito não só através do centro mas, sempre que a DOLMEN está em eventos específicos, levando os produtos da Dona Emilia e de outros artesãos, não só para os mostrar, mas também para os vender."

### A distribuição

A broa de Maria Emilia pode já ser encontrada, para além do Mercado Municipal e do Centro Comercial e Artesanal do Cavalinho, em diversos restaurantes da região e numa grande superfície de Marco de Canaveses. A distribuição está a cargo de seu filho, que a acompanha há já dois anos nestas andanças.

Além disso, Maria Emilia desenvolveu a vertente da venda directa, o que incentivou os consumidores a deslocarem-se à sua cozinha tradicional, onde podem adquirir a broa, as compotas e outros produtos do campo.

Se visitar Tongobriga – Área Arqueológica do Freixo, não deixe de passar pela cozinha tradicional de Maria Emilia e apreciar a sua saborosa broa caseira.

Helena Santos  
hsantos@inde.pt

**Abandonada durante décadas, a aldeia da Cuada permaneceu um paraíso adormecido à beira do Atlântico, à espera que alguém a viesse despertar. Assim ficou até que um dia Carlos e Teotónia descobriram este lugar e trataram de lhe dar vida... como nas histórias de encantar**

# Aldeia da Cuada

Despertar uma aldeia adormecida



Há 14 anos atrás, Carlos e Teotónia Silva não conseguiam desviar a atenção das ruínas de uma pequena aldeia abandonada na zona oriental da Ilha das Flores. Por qualquer razão sentiam por esta aldeia uma inexplicável atracção. Era um pequeno local escondido na floresta, resguardado de intrusos e abundante de encantos e segredos só acessíveis aos mais intrépidos exploradores.

Por esta altura, o casal passava muito tempo numa casa de férias e fins de semana que tinha na Fajã Grande, a dois quilómetros da localidade. A partir daí lançou as primeiras expedições à descoberta desta aldeia fantasma, e era aí que voltava, sempre com um redobrado desejo de regressar.

Das 17 casas do povoado, metade estava em ruínas e a outra metade para lá caminhava. Os estreitos caminhos de pedra escondiam-se então por debaixo da terra, e do mato que crescera em abundância desordenada desde que os últimos habitantes partiram.

Pouco se conhece da história deste pequeno povoado. "A única coisa de que temos a certeza é que isto é anterior a 1841. Na casa mais antiga tem lá essa data gravada no exterior", confirma Carlos Silva, enquanto acrescenta que "devia ser um lugar muito pobre".

De facto, a sorte foi madrastra para os habitantes da aldeia da Cuada. A pouca fertilidade dos solos, aliada à dificuldade de escoamento do leite, mantelga e tecidos, afundavam esta população num ciclo de pobreza sem saída. Empurrados por estas carências, os habitantes não tiveram outra hipótese que não fosse seguir os passos dos muitos açorianos que partiram para o "novo mundo", em busca de oportunidades. Até que a aldeia ficou deserta e as casas abandonadas.

Desde então, a Cuada permaneceu esquecida entre a Fajãzinha e a Fajã Grande, depositada à beira do Atlântico num pequeno planalto sobranceiro à foz da Ribeira Grande. Uma pequena aldeia abandonada e adormecida, à espera que alguém a viesse despertar.

Até que Carlos e Teotónia descobriram este pedaço da história açoriana. O aspecto devastado das ruínas não esmoreceu o entusiasmo deste casal, que ficou desde logo

encantado com as belezas naturais do lugar. Primeiro, foram os trilhos misteriosos, que se descobriam com paixão, depois foi o prazer da contemplação e a sedução da tranquilidade, até que por fim surgiu o enamoramento pela aldeia.

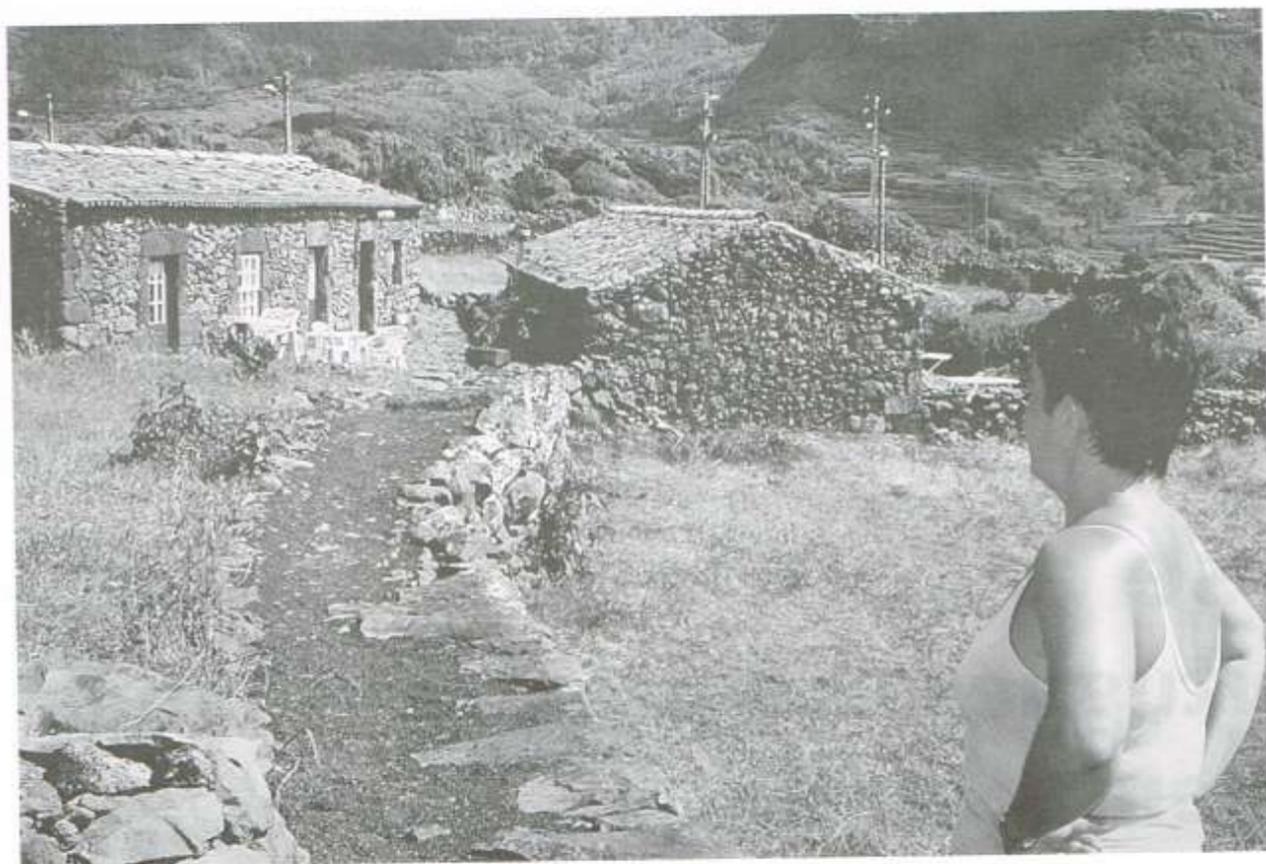
Tanto assim foi, que Carlos e Teotónia decidiram que tinham de fazer alguma coisa por este pequeno pedaço do paraíso. "No princípio, a ideia era fazer alguma coisa pela própria aldeia". Com este objectivo em mente, trataram de tentar comprar as casas em ruínas. A primeira compra aconteceu em 1987. As seguintes ocorreram em ritmo acelerado, facilitadas pelo interesse dos proprietários em se livrarem das incómodas ruínas. "Foram muitos dos donos das casinhas que nos procuraram para saber se nós estávamos interessados em comprar mais", uma atitude que Carlos Silva justifica "porque muitos estavam emigrados e porque para eles isto não tinha valor nenhum".

Adquiridas as primeiras casas, o passo seguinte foi a recuperação. Intervenção iniciada há nove anos, e que implicou um enorme esforço físico e financeiro. No capítulo financeiro, Carlos Silva nem tem uma exacta noção de quanto dinheiro foi investido. "Não vou atirar nenhum número para o ar, porque é muito complicado", adianta por entre um sopro de resignação. "Mas seguramente mais de 100 mil contos, isso de certeza", acrescenta determinado.

Depois existiu ainda todo o trabalho físico. "No princípio, o que havia a fazer era desbravar, cortar de moto-serra, havia ruínas que nem sequer se sabia onde é que estavam". Mais tarde decorreu todo o processo de efectiva recuperação. Primeiro, foram as paredes. Depois, os telhados. Por fim, os interiores. Sempre devagarinho, num processo faseado, porque as exigências financeiras não permitiam mais.

Em todo o processo um ponto de honra: manter a traça original das casas. "Quem viveu aqui, reconheceria a sua casinha". Nos exteriores, a obra procurou reproduzir na íntegra as habitações originais. "Não alterámos rigorosamente nada a volumetria das construções." Somente nos interiores é que se procurou melhorar aspectos qualitativos.

Em paralelo com a reconstrução das estruturas habitacio-



fotos: João Limão

nais, procurou-se recuperar os exteriores e garantir melhores condições de habitabilidade. Para corresponder às carências de água, que antes se reduzia a dois pequenos chafarizes, foi necessário abrir valas e meter colectores em todas as casas. Hoje, a água é fornecida pela Câmara Municipal das Lajes, a partir de uma nascente.

Satisfeita a necessidade de água, resolver o problema da electricidade foi a próxima etapa. E foi uma odisséia. Primeiro, foram pequenas lamparinas a petróleo. Rapidamente "chumbadas" pelos visitantes. Seguiram-se os painéis solares. Sem êxito. Posteriormente, viria um gerador. Também incapaz de satisfazer uma clientela cada vez mais exigente. A solução viria de um projecto LEADER aprovado pela ADELIAÇOR, e que correspondeu à ligação à rede pública de electricidade.

Se a electricidade foi uma odisséia, o problema dos acessos foi um verdadeiro pesadelo. Como no passado eram exclusivamente pedestres, a Câmara Municipal das Lajes tratou de abrir um acesso para veículos até à primeira casa da aldeia. De acordo com a vontade dos empreendedores, a ligação entre as casas manteve-se inalterada. Pequenas canadas de pedra, com uma largura máxima de dois metros, "que são aquilo que os antepassados souberam e puderam fazer". O problema viria quando quiseram apresentar um projecto na Direcção Regional de Turismo, no qual um parecer dos bombeiros era vinculativo. "Eles não queriam dar esse parecer, porque queriam-nos obrigar a continuar este acesso para viaturas, de modo a poder chegar com uma ambulância a todas as casas." O que obrigava à destruição das tradicionais canadas.

Carlos e Teotónia recusaram sempre essa possibilidade. Por isso, hoje a Mitsubishi branca que faz o regular transporte de visitantes entre Santa Cruz das Flores e a aldeia fica estacionada no terreiro próximo da primeira casa da aldeia. Mas não faz mal. Também por isso, hoje é possível contemplar este emaranhado de pequenas canadas talhadas em pedra que atravessam o tapete de verdura em direcção a todas as casas.

Sentado sobre um pequeno muro, Carlos observa com orgulho a obra feita, enquanto recorda essa batalha, ganha graças ao bom senso de um comandante. A aldeia continua

inalterada. Um conjunto de 16 pequenas casas de pedra, rigorosamente reconstruídas de acordo com as originais. Parece um lugar parado no tempo, onde só faltam os habitantes trajados com as roupas dessas épocas. No horizonte, os cenários são de cortar a respiração. De um lado a dimensão respeitadora de montes verdejantes, aqui e ali rasgados por uma cascata, do outro lado o oceano com o seu azul a perder de vista.

No interior do povoado a vida corre ligeira e tranquila. Num recanto lê-se, noutra mais afastado passeiam dois transeuntes. À porta de uma casa, uma roda de carroça com uma placa de madeira onde está inscrito: "Casa do Fagundes". Nas outras portas, outras rodas com outros nomes fixados. É assim em todas as casas. Carlos Silva desvenda o mistério. "Os nomes das casas são os nomes dos antigos proprietários. É uma maneira de preservar o próprio nome das pessoas que aqui trabalharam, pois sabe-se lá quantos sacrifícios fizeram."

Desses antigos residentes, os actuais donos da Cuada já tiveram contacto com dois. O senhor Luís, que ajudou o casal a encontrar os proprietários na altura em que tentavam comprar as habitações, e que no dia da inauguração da ligação eléctrica confidenciou que "se no tempo em que viveu na aldeia, as casas tivessem estas condições, nunca teria saído daqui". Antes, uma ex-residente que vive hoje na Fajãzinha visitou a aldeia quando estava parcialmente recuperada, e "chorou comovida por ver que alguém tinha posto mão na recuperação desta aldeia". Dois episódios que merecem ser contados.

O empreendimento procurou sempre preservar a memória dos antepassados numa perspectiva quase etnológica. Só que o investimento exigia retorno, e o turismo foi a opção mais natural. Com o objectivo de angariar apoios para um projecto nessa área, em 1992 o casal apresentou uma candidatura na Direcção Regional de Turismo. Como resposta "recebemos um ofício do director regional, louvando a iniciativa de recuperação da aldeia, mas sem a aprovação do projecto, por este não ter viabilidade económica", relembra Carlos Silva com amargura.

A recusa de apoio foi um rude golpe nas ambições do casal. Teotónia, até aqui reservada em comentários, deixa escapar

alguma da desilusão sentida nesse período. "As pessoas não acreditavam, diziam que éramos malucos. Mas hoje, essas pessoas dizem que temos uma mina". A mudança de atitude foi radical. "Passados alguns anos, o mesmo director regional que nos reprovou o projecto, regressou aqui à aldeia e deu-nos os parabéns", acrescenta Teotónia, num retrato do desespero sentido. Durante anos, os apoios foram uma miragem. Só há três anos atrás, receberam um subsídio do SITRA - Sistema de Incentivos ao Turismo na Região Autónoma dos Açores.

Enquanto as entidades oficiais não acreditaram na iniciativa, a única resposta à sensação de desamparo partiu dos turistas que visitavam a aldeia. Ainda o empreendimento era classificado como "apartamentos turísticos", pois faltava a denominação de "turismo de aldeia". Nessa época, quando "algumas vezes nos faltavam as forças, eram os estrangeiros que vinham cá que nos davam força para continuarmos."

Talvez por isso, quando questionada sobre o tipo de turistas para que foi vocacionado o projecto, Teotónia coloca a mão em forma de pala para cobrir os olhos do intenso sol de Agosto, e pensativa reconhece que "inicialmente estávamos a pensar mais nos estrangeiros". Nos dias de hoje já não é assim. Se antes, eram os estrangeiros que estavam mais direccionados para este turismo rural agora, a nova geração de portugueses "está mais sensibilizada para a natureza, e é mais sensível a este turismo."

É para essas pessoas que está vocacionada a aldeia. "Foi um projecto feito com muita garra e muito amor", salienta Carlos, para rapidamente acrescentar que "não estamos nisto por ganância. Queremos que venha turismo, mas que saiba apreciar o nosso trabalho, e que saiba apreciar a zona em que está inserida a própria aldeia". O resultado final é merecedor do orgulho manifestado. É por isso, que quando desafiada a descrever as belezas que circundam a aldeia da Cuada, Teotónia não esconde esse orgulho, enquanto por entre um sorriso afirma com convicção: "É um paraíso dentro de outro paraíso que é a Ilha das Flores."

João Limão  
jlimao@inde.pt



foto: ADRACES - O milagre das pedras com S.Vicente à vista!

Estágios de operadores e animadores locais de Cabo Verde nas Associações Portuguesas de Desenvolvimento Local.

## desenvolve-se a cooperação entre associações portuguesas e cabo-verdianas de desenvolvimento rural.

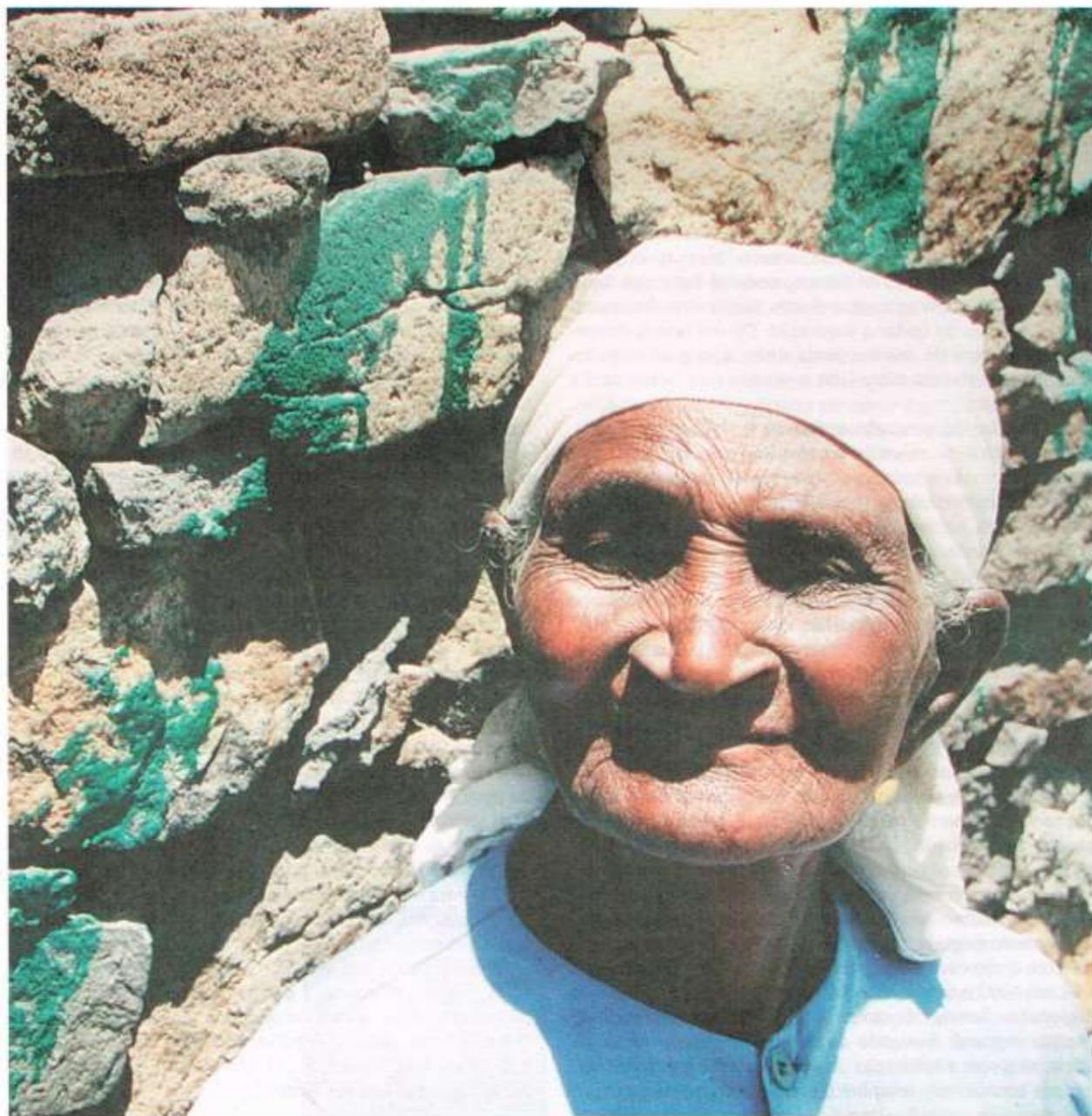


foto: BEIRA DOURO - Nas pedras, marcas de um caminho para o futuro. Na personagem, a alicez sofrida e formosa do país! Rui Oliveira

**1.** De oito a trinta do passado mês de Outubro estagiaram em Portugal, nas Associações de Desenvolvimento Local Agrupamento Monte, em Arroios; Pinhal Maior, na Sertã; Adraces, em Vila Velha de Ródão; Beira Douro, em Lamego; Raia Histórica, em Trancoso e Douro Histórico em Sabrosa, operadores e animadores locais do Programa de Luta contra a Pobreza Rural nas Ilhas de S. Tiago, Santo Antão, S. Nicolau, Fogo e Brava, da República de Cabo Verde.

Este estágio teve por objectivo familiarizar os animadores e operadores locais do PLPR de Cabo Verde (programa inspirado nas metodologias LEADER) com algumas das entidades que em Portugal têm sido gestoras locais do LEADER e aceitaram deslocar-se previamente a Cabo Verde para verificar in loco as condições de trabalho destes operadores e animadores.

Divididos em dois grupos, os estagiários trabalharam uma semana em cada Associação, alternando a formação em sala sobre temas previamente seleccionados com a visita e estudo de pequenos projectos cujas actividades são susceptíveis de adaptação à realidade das comunidades rurais de Cabo Verde. Algumas das Câmaras associadas das ADL visitadas, através dos seus presidentes e serviços técnicos, acolheram e estimularam os estagiários, apontando-lhes os exemplos das iniciativas de desenvolvimento local levadas a cabo nos seus municípios. No final, e em jeito de balanço, a delegação fez questão de convidar para um almoço de confraternização realizado no complexo turístico de Vila Velha de Ródão todas as pessoas directamente envolvidas no acompanhamento que lhes foi dispensado, reafirmando a sua satisfação pela valiosa oportunidade que lhes foi dada para aumentar as suas competências e a qualidade do seu trabalho com as populações que animam e dinamizam.

**2.** Com os mesmos objectivos, uma nova equipa chega entretanto. De 9 a 30 do presente mês de Novembro, uma nova delegação composta por três animadores, três operadores e o responsável pela formação e animação do Programa PLPR repetirão o estágio feito pelo primeiro grupo, nas mesmas Associações.

Estas Associações que desde a primeira hora demonstraram grande disponibilidade e sensibilidade para apoiarem acções de solidariedade que possam evoluir para acções de cooperação, merecem o nosso reconhecimento e aplauso, na expectativa de que muitas outras possam seguir o seu exemplo.

A INDE, entidade facilitadora destas iniciativas, orgulha-se dos seus parceiros e dos resultados iniciais destas parcerias, verificáveis pelas notícias que vos damos na página ao lado.

C.M.

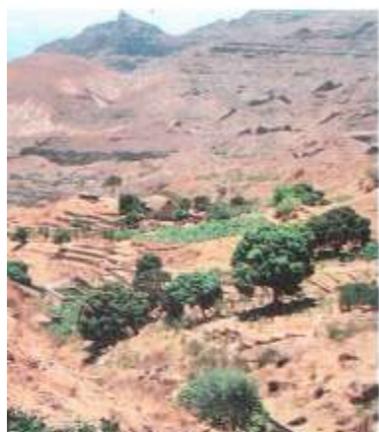


foto: ADRACES - ...por entre as pedras se construíram levadas para a vida! (Sto. Antão)

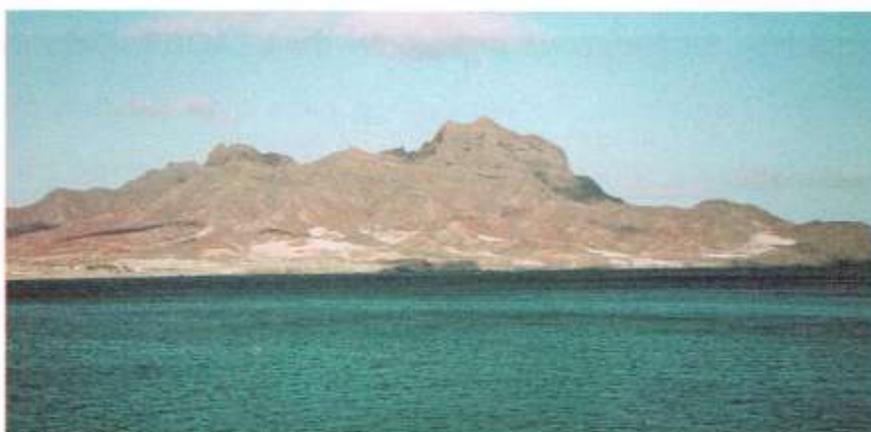


foto: ADRACES - As cristas oceânicas da Macaronésia! (Sto. Antão)

# Ácver

se é possível fazer...fazendo!

Está em gestação uma nova entidade para, a nível transnacional, cooperar e apoiar o Desenvolvimento de Comunidades Rurais.

Se chegar a nascer...chamar-se-á "ÁCVER" – Associação Internacional para a Cooperação e o Desenvolvimento de Comunidades Rurais.

De momento, trata-se de um grupo de entidades que de comum acordo, estão vendo se chegam a um acordo que permita definir objectivos e interesses comuns, de forma a formalizar uma parceria sob a forma jurídica de Associação – ONG, para os fins que a sua proposta de denominação indicia.

## Para começar, vai a caminho uma prenda de Natal!

Enquanto se discute, é importante testemunhar da seriedade de propósitos começando por praticar, da melhor maneira possível de momento, algo daquilo que se ambiciona fazer no futuro.

A simples oferta material, no contexto em que é feita, é um acto de cooperação porque consolida a confiança e a credibilidade mútuas e demonstra que uns e outros; uns concretizando as ofertas e os outros organizando-se para gerir aquilo que recebem de acordo com as normas previamente acordadas, estão por igual empenhados na valorização e dignificação das suas relações.

Chegarão a Cabo Verde nos próximos dias 29 e 30 dois contentores com cerca de 15 toneladas de artigos e equipamentos diversos tais como: material escolar e desportivo, brinquedos, livros, mobiliário escolar, artigos de higiene em papel, artigos e máquinas de costura, alguns televisores e computadores, roupa nova e usada, cerca de dez mil litros de água mineral engarrafada, azeite, vinho e pequenas quantidades de artigos muito diversos solicitados especificamente pelas comunidades a que se destinam.

Todos estes artigos e equipamentos foram oferecidos por empresas sensibilizadas para tal pelas Associações de Desenvolvimento Local, Câmaras e individualidades que compõem este grupo ÁCVER. Os montantes necessários para custear a recolha e o transporte até Cabo Verde foram directamente assumidos pelos membros do grupo.

Espera-se que esta seja apenas a primeira de muitas acções que, nos dois sentidos, venham a reforçar laços antigos de grande e mútua estima entre os filhos daqueles que, em comum, souberam transformar as inhóspitas cristas oceânicas da Macaronésia num lugar onde a música embala o corpo e as brisas rasgam sorrisos em meninos – enxames de olhos grandes a iluminar o horizonte azul de onde se espera – a esperança!

## Os beneficiários finais serão 20 Comunidades Rurais de entre as mais pobres:

**Na Ilha de Santo Antão, oito:** Praia Gi; Amivale; Sinagoga; Chã das Furnas; João Afonso; Figueiral; Alto Mira; Chão do Norte.

**Na Ilha de S. Nicolau, três:** Morro Braz; Preguiça; Hortelã.

**Na Ilha de S. Tiago, quatro:** Ponta Furna; Trás-os-Montes; Achada Tenda; Achada Bolanha

**Na Ilha do Fogo, cinco:** Cutelo; Jardim; Monte Vermelho; Lomba e Cutelo Alto.

E ainda, se possível, Lomba Tantum e Cachaço na Ilha da Brava. No seu conjunto, estas comunidades representam aproximadamente 10.000 pessoas.

# Ácver

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA A COOPERAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DE COMUNIDADES RURAIS

(EM FORMAÇÃO)

## 1. Da sua origem

Em Maio passado, um grupo de pessoas, em representação de seis Associações Portuguesas de Desenvolvimento Local e quatro Câmaras Municipais, visitaram durante cerca de 15 dias, uma vintena de Associações Comunitárias de Desenvolvimento de Comunidades Rurais de Cabo Verde, inseridas no Programa Nacional de Luta Contra a Pobreza (PNLP) daquele País, através dum sub – programa denominado ( PLPR ) Programa de Luta Contra a Pobreza Rural, com o objectivo de identificar possíveis possibilidades de cooperação.

Extremamente sensibilizadas pelas duríssimas condições de vida das populações que compõem as comunidades rurais visitadas, onde tantas vezes o milagre da sobrevivência é inexplicável, decidiram juntar esforços para contribuir, na medida do possível, para o desagrar das situações encontradas.

## 2. Às acções imediatas

Para levar à prática essa decisão criaram, de momento, um grupo informal a que chamaram ACVER, ( HÁ QUE VER SE É POSSÍVEL) que procurará de imediato atingir dois objectivos:

- primeiro, reunir e enviar para estas comunidades o maior volume e diversidade possível de coisas capazes de responder a algumas das necessidades mais prementes, acção a efectivar-se até finais de Outubro princípios de Novembro.
- segundo, trabalhar a possibilidade de criar uma Associação que estructure de forma permanente a cooperação com Associações de Comunidades Rurais dos Países de expressão Portuguesa, onde as situações de pobreza extrema sejam mais graves.

## 3. Às perspectivas de médio prazo.

O Grupo e posterior ASSOCIAÇÃO, conscientes dos limites e até dos efeitos, por vezes perversos, das simples ofertas, procurará conjugar com os Programas Nacionais dos respectivos Países, como é o caso de Cabo Verde, através do PNL/PLPR, o estímulo das ofertas com acções de formação e animação para a auto organização das comunidades beneficiadas, de forma a possibilitar-lhes uma mais rápida evolução para situações de auto – subsistência.

Admite-se e deseja – se que estas iniciativas evoluam para tornar possíveis equilibrados projectos de cooperação, de interesse mútuo, chamando, na medida em que a organização interna do grupo avance e se consolide, todos os indivíduos e entidades identificadas com os objectivos aqui sumariamente expostos.

Lista das entidades iniciadoras e responsáveis pela iniciativa acver “:

- ADRACES  
Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro Sul
- BEIRA DOURO  
Associação de Desenvolvimento do Vale do Douro
- DOURO HISTÓRICO  
Associação do Douro Histórico
- MONTE/ACE  
Consórcio para o Desenvolvimento Local do Alentejo Central
- PINHAL MAIOR  
Associação de Desenvolvimento do Pinhal Interior Sul
- RAIÁ HISTÓRICA  
Associação de Desenvolvimento
- CÂMARA MUNICIPAL DE ALIJÓ
- CÂMARA MUNICIPAL DE MAÇÃO
- CÂMARA MUNICIPAL DE MEDA
- CÂMARA MUNICIPAL DE SANTA MARTA DE PENAGUIÃO
- INDE  
Intercooperação e Desenvolvimento, CKL

Até aqui, o jornal tem publicado uma série de reportagens na rubrica "Pessoas", trabalhos produzidos pelos seus quadros ao longo da animação do LEADER. Pela primeira vez, recebemos da parte de uma ADL uma colaboração específica para esta rubrica que agora publicamos. O texto que segue é da autoria de Inácio Pignatelli e foi-nos remetido pela ADER SOUSA.



Inácio Pignatelli é licenciado em Direito, definindo-se como professor, advogado e escritor. Tem colaboração intensa na Imprensa nacional e regional e, já editados, livros de poesia, teatro e ensaio. Com uma intensa actividade associativa, tem manifestado um permanente interesse pelos assuntos culturais e etnográficos. A ele se fica a dever este desvendar de um artista que "não nasceu para tocar (os instrumentos) mas sim para os fazer".

# ALBERTO MOREIRA

## Violeiro de mérito e Mestre Artesão de vários instrumentos

Alberto Moreira, nasceu na freguesia de Margaride - Felgueiras, à beira da actual fábrica da Bouça, numa altura em que ali só existiam campos.

Os pais eram lavradores pobres, trabalhavam como caseiros dos senhores FONSECAS, e tinham onze filhos, muitas bocas para sustentar. Quatro raparigas e seis rapazes, e ele era o do meio.

A infância passou-a a ajudar os pais a trabalhar na lavoura - milho, feijão, batata, centeio, trigo e vinho. Chamava os bois a lavrar, segava a erva para alimentar o gado (bois e vacas leiteiras), e ia distribuir o leite pelas várias casas de Felgueiras.

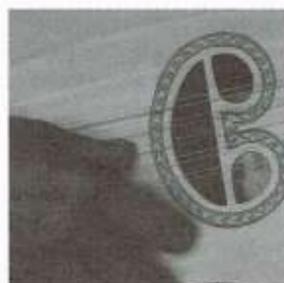
Depois da morte dos pais, tinha ele catorze anos, foi servir como moço de lavoura. Os patrões desse tempo, conforme ele conta, davam-lhe cama e comida e duzentos escudos por ano. Nessa época, recorda, uma refeição custava à volta de dois escudos, um quilo de broa ou uma tijela de sopa cinco tostões e um prato de comida dez tostões.

Esteve assim a trabalhar como moço de lavoura nas casas de Sendim, no Lugar da Costeira, na de Samossa, e em Cramarinhos, em Moure, para o senhor Antero de Sousa Lemos. Não foi à escola, que os pais eram analfabetos e "não davam valor a ler". Só a partir dos dezassete anos é que começou a frequentar o ensino, à noite, em escolas particulares. Fez o exame da quarta classe ao mesmo tempo que o filho mais velho, tendo aprendido na Escola de Lameirões, em Caramos, cujo professor era o senhor Cunha, e passou com distinção. Depois deixou de estudar.

Na quinta dos Cramarinhos, em Moure, estimavam-no porque era trabalhador e responsável, e lá fez de tudo, desde criado de servir a jardineiro, motorista e mais tarde feitor das quintas, que aquilo eram várias quintas e davam à roda de duzentos carros de milho e duzentas pipas de vinho, o que era muito.

Por lá casou aos vinte e quatro anos e por lá criou os filhos, cinco rapazes e cinco raparigas. E ali permaneceu até mil novecentos e oitenta, altura em que as quintas foram vendidas.

Entretanto, tinha construído uma oficina para pôr os filhos a carpinteiros e mais tarde uma pequena casa no Lugar da Rabela, freguesia da Várzea. Para lá se mudou e lá reside ainda hoje. Dos filhos, alguns emigraram para França, só o mais



novo, Joaquim, ficou por casa e ainda hoje trabalha com o pai.

É que Alberto Moreira, ao longo da vida, tinha arranjado uma outra profissão - violeiro e artesão de instrumentos de corda. A ideia de os fabricar era antiga, ainda ele trabalhava nos Cramarinhos tinha 19 anos, altura em que construiu o seu primeiro instrumento, um cavaquinho, logo seguido de um bandolim. Ninguém lhe ensinou a arte. Era uma vocação que tinha nascido com ele. Nesse tempo, participava em "chuladas" com os amigos, um tocava harmónica, outro viola ou braguesa, outro cavaquinho e bandolim, e corriam as desfolhadas e as espadeladas que os lavradores da região organizavam.

"Isso era muito lindo!" - recorda - "As raparigas a cantar aos bandos enquanto desfolhavam ou espadelavam, e também havia bailaricos populares!"

Alberto Moreira olhava e tornava a olhar os instrumentos e depois, nas horas vagas, tentava construí-los a seu modo. A esposa, Justina de Jesus, tecia e ele fazia instrumentos. Ainda conserva um dos primeiros que fez, um bandolim.

A pouco e pouco as pessoas foram sabendo da sua arte, e começaram a surgir encomendas. Numa ocasião chegou a fazer quatro cavaquinhos para os empregados do Grémio da Lavoura que lhes tinham pedido.

Comprava então as madeiras de nogueira e pinho da Flandres na carpintaria do senhor José Pinto Guimarães, as cordas na Casa Lago de José Maria Freitas, em Felgueiras, juntamente com o latão que cortava às tirinhas para fazer os travessões. As cravelhas, carrilhões e leques, esses adquiria-os no Porto, na Casa António Duarte, na Rua Mouzinho da Silveira.

E, a pouco e pouco, foi-se aperfeiçoando e tornando mestre naquela arte em que hoje é exímio e muito considerado e estimado.

A partir de mil novecentos e oitenta dedicou-se por inteiro ao ofício. Fabrica guitarras, bandolins, bandolas, banjos, braguesas, cavaquinhos, banjolas, violinos, violas baixo, balalaicas e todo o tipo de instrumentos de cordas.

Confidenciou-nos alguns dos seus segredos, e fez gosto em mostrar-nos a oficina onde se alinham uma infinidade de ferramentas e maquinas.

Nos seus instrumentos, utiliza sobretudo madeiras nacionais, como a nogueira e a tilia, que segundo ele são as

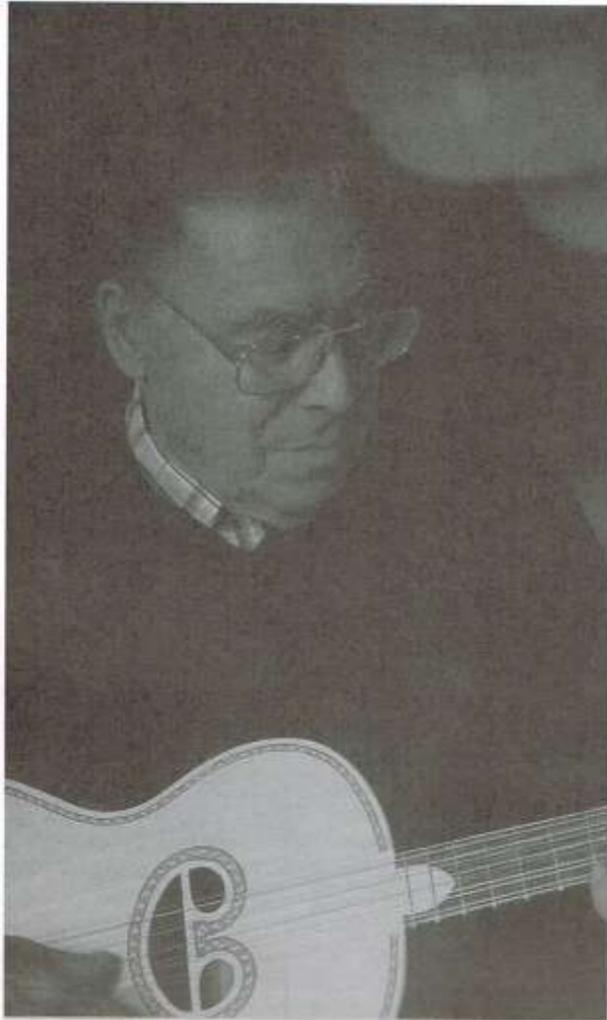


foto: ADÉR-SOUSA

melhores, mas também o plátano, o choupo e a cerejeira. As madeiras estrangeiras são boas para os tampos e as ilhargas das violas, como o ácer-madeira do Egipto, o pau santo para o corpo da viola, o ébano para as escalas e o pinho da Flandres para os tampos da frente.

"Há nogueira muito linda e de muitas qualidades" - diz ele.

As bocas ou rodelas das caixas das violas vêm-lhe do Japão e os embutidos de madrepérola são comprados no Porto. Mas existem outros embutidos que o senhor Alberto Moreira fabrica em casa, com madeiras diferentes que prensa para depois aplicar.

"Abre-se um refundido nos tampos e aí são aplicados os embutidos" - explica.

O tempo que demora a fazer um instrumento varia, depende da qualidade e do tipo de instrumento.

"Um violino - diz-nos ele - leva à volta de cinquenta horas. Também é o que demora mais tempo. Já um cavaquinho leva cerca de oito horas, uma braguesa dezasseis, e as violas dependem, podem levar vinte e cinco horas ou menos".

Como instrumentos usa vários tipos de formões, uns mais grossos, outros mais finos, goivas, facas, raspadores, limas, grossas para desbastar os braços, compassos, tornos, tudo em vários tamanhos. Quanto às máquinas que emprega, umas fê-las ele próprio, outras comprou-as. De resto, as máquinas servem só para aplainar e serrar os materiais mais grossos, porque os finos são aplainados à mão. Os fornos são usados para aquecimento e secagem das madeiras e para as tornar mais maleáveis.

Ao longo da vida foi construindo as suas próprias técnicas. Por exemplo, na feitura das escalas, das espessuras e no acabamento dos instrumentos utiliza massa média e fina de polir, para dar brilho às violas, bandolins, cavaquinhos e outros instrumentos.

Já lá vão quinze anos exclusivamente dedicados a esta actividade. Como artesão, realiza todas as operações da feitura de um instrumento, bem como concertos, trabalhando todo o dia, desde cedo.

"Só paro para comer - diz ele - pois tenho muitas encomendas. Mas o trabalho nesta arte só me dá saúde! - acrescenta - quanto mais trabalho, mais saúde tenho!"

Efectivamente, o senhor Alberto Moreira tem um imenso gosto e amor próprio na sua arte e das suas mãos saem verda-

deiras obras primas. Hoje, Alberto Moreira é considerado no país e no estrangeiro como um violeiro de mérito e mestre artesão de vários instrumentos. Jorge Fontes tem guitarras dele, a Tuna Académica de Coimbra bandolins, violas, bandolas e cavaquinhos, as Tunas de Lamego e Rebordosa e os Ranchos de Fafe e Guimarães tocam com instrumentos saídos das suas mãos. E já exporta para a Holanda, Noruega, França, Alemanha.

Participou já em muitas exposições e feiras de artesanato, como em Cuba, nas festas do Maio florido, em Santarém e Setúbal, no Mercado Ferreira Borges, no Porto, durante cinco anos, na feira de artesanato de Vila do Conde, em Gaia, na Agrival de Penafiel, na Face e Tâmega de Amarante, na Felmostra de Felgueiras e muitas mais.

O senhor Alberto gosta de ouvir todos os instrumentos, "desde que sejam bem tocados" (ressalva), mas aquele que merece a sua preferência é o bandolim. Também foi um dos que primeiro construiu. "Tem uma música mais pura, mais portuguesa!" - diz.

O que declaradamente não gosta é de "conjuntos de fazer barulho", e a este propósito conta uma história engraçada. Havia um concerto de um desses "conjuntos de fazer barulho", e a mulher perguntou-lhe:

"Alberto, vamos logo ao concerto?"

"Vamos" - respondeu ele.

"Então eu vou levar o meu vestido azul!" - retorquiu a mulher. E acrescentou: "E tu, o que levavas?"

"Eu levo algodão para os ouvidos!" - respondeu ele, de brincadeira.

Alberto Moreira também sabe tocar um pouco de cada instrumento, à excepção do violino, mas confessa:

"Sabem, eu não nasci para os tocar mas para os fazer!"

E é verdade que este violeiro de mérito e mestre artesão de vários instrumentos, na sua oficina e casa de Rabela - Várzea, os constrói como ninguém, com o seu jeito especial. Para orgulho dos seus e de Felgueiras, a terra onde sempre viveu e a que pertence.

Inácio Nuno Pignatelli

## NOTÍCIAS DA ADER-SOUSA

## MUSEU MUNICIPAL DE PAÇOS DE FERREIRA

No dia 6 de Novembro, dia em que se comemorou o 165º aniversário do Concelho de Paços de Ferreira, abriu as portas o Museu Municipal – Museu do Móvel, projecto financiado no âmbito do Programa LEADER II – Terra de Sousa / Continuar Inovando. Estiveram presentes neste acto o Presidente da Câmara Municipal de Paços de Ferreira, o Governador Civil do Porto, em representação do Ministro da Cultura, o Presidente da Comissão Nacional de Gestão do Programa LEADER, o Presidente da Associação de Municípios do Vale do Sousa, e o Coordenador do GAL da ADER-SOUSA.

O Museu foi instalado num edifício com mais de um século, onde já funcionou a cadeia (masculina e feminina), os serviços eléctricos, as finanças e os Paços do Concelho. Não podemos deixar de referir que todo o museu está adaptado à utilização por deficientes motores.

A organização do Museu está pensada para ter uma exposição permanente e, simultaneamente, uma ou duas exposições temporárias. Na exposição permanente é possível aos visitantes observarem a evolução do concelho desde as origens do seu povoamento até à idade contemporânea, onde se expõe ao nível mais antigo as raízes e os primeiros vestígios da ocupação humana, representados nos testemunhos da Citânia de Sanfins. Na sua componente mais moderna, a "Capital do Móvel" tem aqui a sua história, com uma amostragem da evolução da indústria do mobiliário de Paços de Ferreira, onde estão exibidas algumas peças que reflectem a evolução desta indústria; destacando-se uma sala de aula das escolas dos anos setenta, em virtude de a primeira indústria de mobiliário do concelho ter sido vocacionada para o mobiliário escolar.

O espaço das exposições temporárias, onde estarão patentes as diferentes formas de arte, nomeadamente pintura, fotografia, escultura, entre outras, abriu com uma exposição dos trabalhos de um jovem artista pacense intitulada "O outro lado das coisas" e do notável artista plástico Zoran, intitulada "Objectos de Culto".



fotos: ADER-SOUSA

## MANUAL DO EMPRESÁRIO DE TURISMO EM ESPAÇO RURAL

O projecto de criar um manual que compilasse a legislação e os procedimentos necessários para o lançamento de empreendimentos de turismo em espaço rural surgiu nas Terras Dentro em meados dos anos 90, decorria ainda o LEADER I. Em Junho de 1996 foi editado, em formato de dossier, ilustrado, e com um cunho essencialmente pedagógico ou seja, como verdadeiro instrumento de apoio aos promotores que desejassem investir neste sector.

Ao finalizar o LEADER II, a Associação Terras Dentro acaba de reeditar esta obra, actualizando-a e adaptando-a à legislação actual. Nela se poderão encontrar os conceitos de Turismo Rural, os requisitos para a sua exploração, as formalidades para o licenciamento, indicações para a gestão das unidades de alojamento e outras informações úteis para o desenvolvimento da actividade.

Uma obra essencialmente prática que pode ser obtida junto da Associação Terras Dentro.



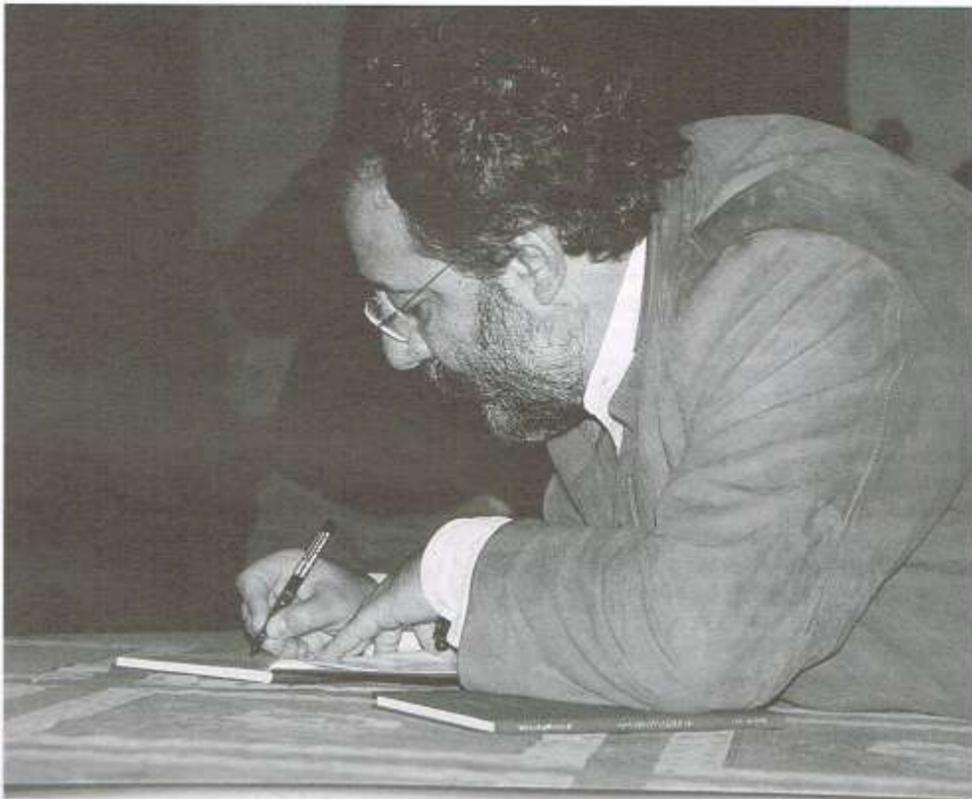
## PARQUE DE CAMPISMO RURAL DE VILA FRIA

O Parque de Campismo Rural de Vila Fria, em Felgueiras, inaugurado em 1999, é já um dos grandes atractivos que o concelho oferece a todos os que procuram o sossego do campo para ocupação dos tempos livres, nomeadamente nos fins de semana e nas férias. Desde então tem passado por diversos melhoramentos, sendo os mais recentes a piscina ao ar livre e um "bungalow" de madeira com quarto, sala, cozinha e quarto de banho.

No entanto este projecto faz parte integrante de uma intervenção mais alargada de recuperação / valorização do ambiente rural da zona, dotada de um relevante património natural e edificado, onde se impõem o Mosteiro de Pombeiro, diversas azenhas, uma ponte romana, uma ponte medieval e uma calçada romana.

Para realizar os melhoramentos no parque de campismo, a Câmara Municipal de Felgueiras contou com o apoio da ADER-SOUSA, no âmbito do Programa Comunitário LEADER II – Terra de Sousa / Continuar Inovando.

ADER-SOUSA



fotos: Paula Santos

## À mesa com a malta

**Já toda a gente lhe conhecia  
a paixão pelas comedorias alentejanas.  
Há muito tempo – há mais de dois anos –  
que Joaquim Pulga vem promovendo  
e divulgando a gastronomia alentejana  
no jornal "Terras do Cante".**

Na sua habitual crónica "A Mesa da Malta", cruzando os sabores com a história, Joaquim revela os seus gostos e experiências gastronómicas e consegue, literariamente, dar-nos uma imagem da cozinha tradicional alentejana.

Um trabalho, ou melhor, uma enorme devoção pelos aromas, sabores e saberes do Alentejo que levou, inevitavelmente, à publicação de um livro.

Joaquim Pulga chamou-lhe "Alentejanando - estórias e sabores" e foi lançado no passado dia 20 de Outubro, no Monte do Sobral, em Alcáçovas.

Entre a centena de amigos, companheiros e conhecidos que compareceram no histórico local da reunião dos capitães de Abril - hoje uma unidade de agro-turismo (apoiada pelo Programa LEADER) - Joaquim era um homem visivelmente satisfeito.

A obra, que o autor define como "um livro de escriba", e que reúne, de uma forma despretensiosa, algumas das receitas historiadas no "Terras do Cante" nos últimos dois anos, é uma edição da Casa do Sul com a chancela do LEADER. E a sua publicação foi, segundo o presidente da Terras Dentro, a melhor forma daquela associação encerrar o LEADER II. Referindo-se à cultura gastronómica como uma fonte de desenvolvimento para a região, Joaquim Amado disse ainda que "ao apoiar projectos como este, estamos a contribuir para a promoção da nossa região".

Convidado também a proferir algumas palavras, o ministro da agricultura e do desenvolvimento rural reforçou a importância deste tipo de projectos no desenvolvimento local das regiões e chamou a atenção para o "novo" LEADER e para o seu apoio. Para Capoulas Santos, "este projecto corresponde àquilo que deve ser o futuro da agricultura e do desenvolvimento rural em Portugal".

Depois, à boa maneira alentejana, Joaquim Pulga convidou os amigos para a mesa, pois no Alentejo os grandes acontecimentos da nossa vida, as grandes reuniões de família e de amigos são sempre em volta de uma mesa. E porque no Alentejo se diz também que depois de uma boa história, de uma boa refeição há sempre um cante, Joaquim antes de chamar a malta "para saborear umas comedorias alentejanas e uns brancos e tintos igualmente da planície" chamou Manuel Dias. A cara, e o coração, de um projecto chamado Trulé que deixou miúdos e grávidos maravilhados. Uma viagem inesquecível pelo mundo das marionetas onde os bonecos são os protagonistas.

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt

**"EM BUSCA DAS SENSACÕES ESQUECIDAS"**

Loulé

9-10 de Novembro

O presente Seminário destina-se a proporcionar experiências de aprendizagem sobre o valor das sensações e modos de expressão característicos das comunidades tradicionais (baseados nos sabores e nos odores, no tacto, nos sons e na oralidade), como forma de contrabalançar o crescente visualismo e o enfraquecimento do significado da vida, nas sociedades ocidentais.

Pretende igualmente chamar a atenção de um público diferenciado, nacional e estrangeiro, para propostas inovadoras de interesse turístico, empresarial e cultural, relativas ao interior algarvio.

Este Seminário tem como Entidade Associada a Associação IN LOCO – Intervenção, Formação, Estudos para o Desenvolvimento.

Contactos: INUAF – Instituto Superior Dom Afonso III

Convento Espírito Santo  
8100 – 641 Loulé  
Tel: 289 42 04 80  
Fax: 289 42 04 88  
inuaf@mail.telepac.pt  
www.inuaf-studia.pt/sensacoes.htm  
Comité organizador:  
Agostinho Morgado - 93 8457 950  
Fernando Sousa – 91 82 96 843  
Marta Freitas – 96 30 25 847  
sensacoes@yahoo.com.br

**"4ª FEIRA DA CASTANHA/TERROSO"**

Terroso, Bragança

11 de Novembro

Uma organização conjunta da Junta de Freguesia de Espinhosa, da CoraNE (Associação de Desenvolvimento dos Concelhos da Raia Nordestina), do Parque Natural de Montesinho e da Associação de Produtores de Castanha da Terra Fria. Com esta iniciativa pretende-se promover e divulgar as actividades económicas decorrentes da produção da castanha, fomentando a criação de empresas de carácter familiar com vista à comercialização e transformação de castanha da Terra Fria do Nordeste Transmontano.

Contactos: CoraNe

Edifício do Gat  
5300 Bragança  
Tel: 273 33 29 25  
Fax: 273 33 82 81

**CONFERÊNCIA SOBRE A INFO-EXCLUSÃO**

Centro Ismaili – Lisboa

16 de Novembro

A Fundação Aga Khan Lisboa e a ONG INDE - Intercooperação e Desenvolvimento vão promover em conjunto uma conferência sobre a info-exclusão. As Tecnologias de Informação fazem parte do nosso quotidiano. O trabalho, a comunicação e o lazer adoptaram esta nova linguagem. A democracia também tem que passar por este espaço de ninguém e de todos. Nesse sentido, a conferência tem como objectivo a apresentação de experiências internacionais de combate ao analfabetismo informático e à consequente exclusão social, disponibilizando o espaço e reunindo as pessoas para um debate e uma reflexão, em torno dos seguintes tópicos:

- As novas tecnologias geradoras de relações sociais;
- As novas tecnologias como fonte de acesso à informação e à formação;
- As novas tecnologias para um diálogo sobre a democracia e a sociedade civil.

De Portugal, de França, do Reino Unido, do Brasil e do Senegal virão oradores divulgar e trocar experiências sobre a linguagem e os instrumentos de uma sociedade de informação do tamanho de uma aldeia global.

Como não podia deixar de ser a inscrição

(9.000\$00 ou 44,98\_ para adultos e 3.900\$00 ou 19,45\_ para estudantes) poderá ser feita, directamente, online.

Contactos: INDE

Tiphaine Oliveira Reis  
Tel.: 21 843 58 70  
Fax: 21 843 58 71  
E-mail: tiphaine@inde.pt  
www.inde.pt/Projectos/Nacionais/Agora.htm

**OUTRAS INICIATIVAS COM INTERESSE**

**VOX POPULI - MÚSICA DAS SETE PARTIDAS DO MUNDO**

Serpa

Ciclo de concertos de músicas populares, com periodicidade mensal, até ao final do ano. Pretende-se com este projecto, por um lado, proporcionar às populações de uma região periférica, tradicionalmente afastadas dos circuitos de difusão cultural, o contacto com manifestações artísticas de qualidade, assentes na diversidade cultural, e, por outro, afirmar de forma progressiva o papel da cultura - e da música em particular - como veículo do desenvolvimento local de Serpa nos próximos anos, seguindo as linhas-mestras dos planos estratégicos já definidos anteriormente pela autarquia local. O projecto é uma iniciativa da ETNIA e da Câmara Municipal de Serpa, em colaboração com o World Music Centre.

Contactos: ETNIA

Cooperativa / Centro Cultural  
Rua Direita, 156 - 4910 Caminha  
Tel: 258 722 557 / 258 721 218  
Fax: 258 922 590  
etnia.norte@clix.pt  
ACE / Gab. Coord. de Projectos  
Calçada do Marquês de Abrantes, 10, 3º  
Esq. - 1200 Lisboa  
Tel: 21 397 06 29  
Fax: 21 397 06 37  
etnia@esoterica.pt

**III CONGRESSO DE ORNITOLOGIA**

Escola Superior Agrária – Castelo Branco

1-4 de Novembro

Nos últimos anos tem-se assistido a um aumento considerável da investigação na área da Ornitologia. Surge, por isso, a necessidade de promover regularmente o encontro entre todos os interessados pelo estudo e conservação das aves.

À semelhança dos congressos anteriores, pretende-se incentivar a troca de informação em diversas áreas da Ornitologia, tais como Conservação, Ecologia, Fenologia, Etologia, Reprodução, Fisiologia, etc.

Contactos: SPEA

Rua da Vitória, n.º 53 – 3º Esq.  
1100 – 618 Lisboa  
Tel: 21 343 18 47  
Fax: 21 322 58 89  
congresso@spea.pt

**XXVI FEIRA NACIONAL DO CAVALO**

Golegã

2-4 e 7-11 de Novembro

Durante os dias da Feira irá decorrer uma Exposição de Pintura, Escultura e Cerâmica sobre a temática do Cavalo, a par com as diversas provas que se irão realizar: Concurso Nacional de Atrelagem, Concurso de Resistência Equestre, Concurso de Saltos de Obstáculos, Prova de Equitação à Portuguesa, Concurso de Dressage Nacional, Concurso Nacional de Apresentação do Cavalo de Sela, Prova livre com música.

Contactos: Tel: 249 97 63 02

Fax: 249 97 71 14

**A AGRICULTURA E O MUNDO RURAL NA WEB**

Instituto para o Desenvolvimento Agrário da Região Norte (IDARN) - Pólo de Vairão - Vila do Conde

12 de Novembro

O IDARN em conjunto com a Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação na Agricultura (APDTICA) são os organizadores deste seminário sobre os novos produtos e serviços disponíveis na Internet, direccionados para a agricultura e o mundo rural. Através das diversas intervenções, espera-se criar um ambiente propício ao debate sobre as ameaças e as oportunidades, lançados pelos desafios da Sociedade de Informação.

Assim vão estar, virtualmente, presentes os sítios: ruralnet.pt; baronigg.pt; center.pt; agro.bayer.com.pt; agrisoft.pt; animar-dl.pt e agroportal.pt. Para além dos instrumentos, haverá um espaço para uma reflexão mais "terra a terra", contando com os seguintes temas:

- As potencialidades da internet nos domínios da formação;
- Sistema de informação da agricultura;
- Formação avançada de gestores agro-rurais;
- Sistema de informação electrónica para o mundo rural.

Contactos: www.agriculturadigital.org/evento\_2.asp

**XI CONGRESSO DE ZOOTECNIA**

Ilha da Madeira

15-17 de Novembro

A análise dos modelos de desenvolvimento zootécnico nas diversas regiões ultraperiféricas da Europa (RUP), a determinação das técnicas de produção mais adequadas a esses modelos e a divulgação do necessário suporte científico, constituem o objectivo principal deste Congresso. Durante os três dias do Congresso, serão vários os temas apresentados: "A Produção e o Abastecimento de Carne, Leite e Lactínios", "Exploração Pecuária segundo o Modo de Produção Biológico e Certificação de Produtos Regionais", "Produção forrageira, aproveitamento de subprodutos da agro-indústria para a alimentação animal e as questões ambientais nas regiões insulares", "Recursos Cínegéticos", "Aquacultura em Regiões Insulares" e "Comunicações".

Contactos: APEZ - Ilhas

Apartado 299  
9700 Angra do Heroísmo  
Açores  
Tel: 295 20 45 56  
Fax: 295 33 26 05  
apez.ilhas@angra.uac.pt

**SEMINÁRIO: "A FACE OCULTA DA GOVERNAÇÃO: CIDADANIA, ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E SOCIEDADE"**

Torre do Tombo – Lisboa

19-20 de Novembro

Este seminário terá a debate a importância dos contributos da sociedade civil para a governança global, como também a reflexão sobre os novos papéis da administração pública e da sociedade civil na perspectiva da cidadania activa.

Em suma, a sociedade civil é convidada a organizar-se no sentido de assumir as suas responsabilidades, incluindo também a participação dos ditos cidadãos activos na tomada de decisão nos assuntos públicos.

Acordados em torno de um mesmo ideal de sociedade vão estar os vários níveis da administração pública, o Terceiro Sector, a Educação, a Comunicação Social e as empresas.

O programa deste evento é denso e será composto por quatro painéis temáticos:

- I. Os desafios da nova cidadania
- II. Da aprendizagem da cidadania à cidadania activa
- III. Administração pública e sociedade civil: uma nova relação para a cidadania
- IV. Instrumentos e práticas da administração pública para promover a cidadania

Os preços de inscrição (60.000\$00, ou seja, 299,28\_ por pessoa) constituem o único senão deste encontro, até agora, aliciante e promotor.

Contactos: Tel: 21 446 53 00

Fax: 21 446 54 80  
www.ina.pt/eventos/fogcaps/index.htm

**4º CONGRESSO FLORESTAL**

Évora

28-30 de Novembro

A Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais, ao promover a realização do Congresso Florestal Nacional subordinado ao tema "A Floresta na Sociedade do Futuro", pretende estimular a reflexão sobre a natureza complexa das relações entre a sociedade e a floresta, destacando o papel central do homem na evolução dos recursos florestais enquanto produtor, trabalhador, investidor, utilizador e decisor.

A realização de um Congresso Florestal Nacional em 2001 surge com uma oportunidade ímpar de reflexão e debate sobre a pluralidade dos desafios colocados à floresta portuguesa num quadro de sustentabilidade ambiental e face às necessidades de desenvolvimento económico e às crescentes exigências ambientais e sociais.

São quatro os temas do Congresso: "A Política Florestal", "Os Recursos", "A Gestão" e "Os Produtos e os Mercados".

Contactos: Secretariado do

4º Congresso Florestal Nacional  
Sociedade Portuguesa de Ciências Florestais  
ISA - Dep. de Engenharia Florestal  
Tapada da Ajuda  
1349 – 017 Lisboa  
Tel: 21 363 46 67 (Contacto: Isabel Leitão)  
Fax: 21 364 50 00  
congresso@spcf.pt  
www.spcf.pt/congresso

**ENCONTRO DE UTILIZADORES DE INFORMAÇÃO GEOGRÁFICA**

Tagus Park – Oeiras

28-30 de Novembro

O "esig" é o maior e mais importante encontro sobre sistemas de informação geográfica. A 6ª edição deste evento vai ser um espaço para a divulgação dos mais recentes desenvolvimentos nesta área, um espaço onde se pretende fomentar o debate em torno de questões fundamentais para a implementação dos SIG em Portugal. O esig2001 é um encontro imprescindível para todos os utilizadores de informação espacial digital.

15 de Novembro: data limite de inscrição para autores  
25 de Novembro: encerramento das inscrições (que poderão ser feitas online)

Contactos: USIG - Associação dos utilizadores de sistemas de informação geográfica

Rua Tomás Ribeiro, 10 r/c - sala 18  
1050 Lisboa  
Tel:+351 213113033  
www.esig2001.tripod.com

**MICRO' 2001**

Congresso Nacional de Microbiologia

Novotel Verzar, Póvoa de Varzim

5-8 de Dezembro

À semelhança do que tem vindo a ocorrer em edições anteriores, o Congresso Nacional de Microbiologia, MICRO'2001, pretende ser um fórum para a apresentação e discussão de avanços e resultados recentes de I&D na área da Microbiologia.

O Congresso terá como áreas temáticas: "Microbiologia Clínica", "Microbiologia Alimentar, Industrial e Ambiental", "Fisiologia Microbiana", "Microbiologia Molecular" e "Virologia".

Contactos: www.esb.ucp.pt/micro2001/

**8ª FEIRA INTERNACIONAL DO ARTESANATO**

Exposalão, Batalha

8-16 de Dezembro

A Arte '2001 - 8ª Feira Nacional e Internacional do Artesanato é, actualmente, uma das mais prestigiadas feiras nacionais, conquistando uma consecutiva evolução dos resultados alcançados, quer em número de expositores, quer de visitantes.

Contactos: Exposalão - Centro de Exposições

Apartado 39  
2441 – 951 Batalha  
Tel: 244 76 94 80  
Fax: 244 76 74 89  
info@exposalao.pt  
www.exposalao.pt



Ao serão, na aldeia de Sobral da Adiça



Fotos: ADC Moura

Na aldeia de Sobral da Adiça, uma destas noites, a equipa da ADCMoura quis juntar-se aos sobralenses e passar com eles um verdadeiro serão, daqueles com bolinhos e contadores de histórias. Depois das apresentações e do conto pediram aos presentes que reflectissem, em conjunto, sobre "o que falta em Sobral da Adiça".

Há oito anos no terreno, a ADCMoura sabe muito bem o que falta em Sobral da Adiça mas é neste contexto marcado pela animação e pelo apelo à participação da comunidade, em que a população é levada a pensar na sua aldeia, discutir os problemas e apresentar propostas, que esta associação procura apoiar e promover o desenvolvimento integrado do concelho de Moura.

Um território com quase 950 quilómetros quadrados na margem esquerda do Guadiana castigado pela desertificação humana, envelhecimento populacional e elevadas taxas de desemprego. Situações que têm vindo a empurrar a população para a sede do concelho onde, segundo o Censo de 1991, se encontra a residir quase metade dos seus 17.549 habitantes. A outra metade está distribuída pelo conjunto das seis freguesias rurais que compõem o concelho: Amareleja, Póvoa de São Miguel, Safara, Sobral da Adiça, Santo Aleixo, e Santo Amador. Com excepção de Amareleja, onde vivem cerca de 3000 pessoas, em cada uma destas povoações habitam pouco mais de mil habitantes.

Despertar a população para as potencialidades do município, promovendo a criação de um ambiente mais favorável ao surgimento de iniciativas de natureza social, económica e cultural, é o grande objectivo da ADCMoura. Um objectivo que começou a ser traçado em Agosto de 1993, quando um grupo de pessoas do concelho, com as mais diferentes formações, se apercebeu da necessidade de uma associação que tivesse por vocação o desenvolvimento local na região.

#### oito anos de desenvolvimento

Passados oito anos, há consciência de que foi a partir do trabalho de diagnóstico (conseguido na base do voluntariado – diga-se de passagem) que a ADCMoura nasceu, cresceu e se fez enquanto associação de desenvolvimento local. Algumas dessas pessoas ainda estão na associação, fazendo parte dos corpos sociais, mas no terreno as caras da ADCMoura são outras. É o caso dos actuais presidente e vice-presidente da direcção que só começaram a acompanhar a associação de forma mais permanente há quatro anos.

Ambos professores em Lisboa, Clara Lourenço e Filipe Sousa decidiram, um dia, ir viver para o Alentejo. Em 1991 chegaram a Moura. Gostaram e foram ficando. "Chegámos aqui e o que havia para fazer na altura era dar aulas. Estivemos na

escola cinco anos, mas já tínhamos o bichinho... Mesmo enquanto demos aulas, gastámos muitos dias, muitos fins-de-semana a palmilhar o território". Um gosto pessoal que favoreceu o conhecimento do território e das pessoas e que, na opinião deste casal, favoreceu a "entrada" para a associação. Passados três anos fizeram-se sócios e a partir daí foi um "percurso normal".

Começaram por participar na elaboração de um candidatura ao INTEGRAR visando a criação de um centro social e comunitário na freguesia de Safara e depois nunca mais pararam. Deixaram a escola e abraçaram a causa do desenvolvimento local como uma profissão a tempo inteiro; 24 horas por dia.

Um processo normal de crescimento de uma associação de desenvolvimento local onde os objectivos da associação passam muito para além dos objectivos dos projectos que se vêem aprovados no papel.

#### numa roda viva

O primeiro grande projecto aconteceu em 1996 com a realização de um curso de agentes de desenvolvimento local. Antes disso, a ADCMoura forma uma parceria com a associação Rota do Guadiana, no âmbito do LEADER II (participando activamente na preparação do PAL desta associação) e é constituída NAL (Núcleo de Acção Local) para o concelho de Moura. O instrumento que a associação Rota do Guadiana encontrou para identificar e analisar no local projectos em cada um dos cinco concelhos abrangidos por este programa comunitário e fazer da força da parceria local uma filosofia de intervenção.

O momento da "viragem" da associação dá-se em 1999 com o projecto RODA VIVA no quadro do PIPPLEA (Projecto de Iniciativa Piloto para a Promoção Local de Emprego no Alentejo). Assumido como um projecto multidisciplinar e integrado, "fomentador de dinâmicas locais e de parcerias entre entidades públicas e privadas", o RODA VIVA foi, pegando nas palavras da Clara, "o corolário de um percurso com altos e baixos".

A criação de pólos (um por freguesia) e sua articulação através de uma rede de informação e animação local, permitiu promover e desenvolver acções de inserção profissional de jovens, a criação de postos de trabalho e ainda o apoio a actividades no domínio do artesanato e agro-alimentar, em todas as localidades do concelho. Um trabalho "de largo espectro" onde a figura do animador local (jovens formados na associação e que encontraram – a grande maioria – neste projecto a sua primeira experiência profissional), foi crucial. "Eles foram aprendendo a lidar com as pessoas, e de tal forma que hoje a comunidade os assume como parte integrante dessa comunidade; foi um trabalho retro-alimentado".

Os Serões da Aldeia, as Oficinas Artístico-Profissionais, Gente com Iniciativa e Percursos de Roda Pé, foram as iniciativas desenvolvidas no âmbito do RODA VIVA cujo sucesso "obrigou" a equipa da ADCMoura a procurar formas e meios da Roda continuar Viva no futuro, depois de Dezembro de 2001. Através de uma candidatura ao POEFDS (Programa Operacional do Emprego, Formação e Desenvolvimento Social) esperam vir a consegui-lo. A equipa já está no terreno. Pelo menos até o final de 2002 iniciativas como os Serões de Aldeia vão continuar, embora Clara Lourenço defenda que "esta é uma daquelas iniciativas que nós vamos continuar a desenvolver, independentemente de haver meios financeiros ou não".

#### com as pessoas, pelas pessoas

No curriculum desta associação, aparece ainda uma Escola-Oficina IIEP de Carpintaria Naval que deu muito que falar na televisão, rádios e jornais. Outrora essenciais à actividade dos pescadores no Guadiana, os barcos tradicionais de pesca vão voltar ao rio mas desta feita para passear os turistas. Uma ideia que poderá vir a restabelecer os laços de proximidade que as pessoas tinham com o rio há 20, 30 anos e que, entretanto, se perderam.

A aprovação de 13 candidaturas ao Microcrédito e a consequente criação de 21 postos de trabalho – um dos maiores problemas do concelho –, e que tornou a ADCMoura a instituição local com mais projectos aprovados nessa situação a nível nacional, é igualmente uma das "bandeiras" que a associação gosta de içar.

Planos para o futuro existem e vontade de continuar também. Não falem os meios – técnicos, financeiros e humanos (uma incontornável dificuldade desta e de muitas associações que vêm sistematicamente os seus técnicos "fugirem" para outras instituições) – e a ADCMoura continuará a dar que falar. A própria equipa da associação se encarregará de o fazer, através do Iniciativas – o boletim informativo que editam.

Seja por que meio for, as notícias darão certamente conta do trabalho de uma associação que procura, de uma forma integrada e articulada, "fazer com que as pessoas sejam mais capazes; mais capazes de usar e transformar os seus recursos em iniciativas, de emprego, de melhor qualidade de vida". Uma tarefa que não se ensina na escola; uma tarefa que se aprende aprendendo. Como diz Filipe, recordando-se de Sócrates, "é uma procura constante, um estar permanentemente a caminho".

Paula Matos dos Santos  
pmsantos@inde.pt

#### ficha técnica

nome: ADC Moura - Associação para o desenvolvimento do concelho de Moura morada: Travessa da Misericórdia, 4 – 1º 7860-072 Moura telefone/fax: 285 254931 e-mail: adcmoura@mail.telepac.pt equipa técnica: Clara Lourenço (presidente da direcção), António Gomes, António Rosado, Carla Lérias, Filipe Sousa, Isabel Gaivão, Irene Aparício, João Ramos, Manuela Silva, Marina Figueiredo, Marisa Piroleira, Rita Costa, Rui Gaspar, Sandra Rodrigues, Sónia Pinto e equipa de animadores.

MÜNZER, Solange, e outros

**Les systèmes financiers pour le développement rural: actes du séminaire régional organisé au Laos en octobre 1995 sous l'égide de la Banque de La République Démocratique Populaire Lao = Financial systems for rural development: proceedings of the regional seminar organized in Laos, Octobre 1995, under the auspices of the Bank of the Lao Peoples's Democratic Republic / Solange Münzer, ...[et al].** - Paris: Gret - Groupe de recherche et d'échanges technologiques. CCL - Comité de coopération avec le Laos. IRAM - Institut de recherche et d'application des méthodes de développement., 1996. - 101 p.: il. ; 30 cm. - (Collection Études et travaux) Edição bilingue, inglês e francês.

CONTADOR, António Concorde

**Cultura juvenil negra em Portugal / António Concorde Contador.** - Lisboa: Celta Editora, Junho 2001. - 104 p. ; 24 cm.

Este livro apresenta-nos uma análise dos contornos sociológicos da cultura juvenil negra em Portugal.

Partindo de uma reflexão teórica crítica sobre os conceitos utilizados para nomear os filhos de imigrantes dos PALOP em Portugal, o autor propõe uma nova categoria terminológica: a de jovens negros portugueses. Esta definição privilegia a delimitação de espaços de referência múltiplos (portugalidade/ocidentalidade, africanidade, negritude) que, evidenciados através de um estudo sobre orientações estéticas e musicais, suportam processos de permanente (re)construção identitária. (extraído da obra)

CAPUCHA, Luís, e outros

**ONG's de Solidariedade Social: Práticas e Disposições / Luís Capucha (Coord.); Sérgio Aires, João Quintela, Ana Luzia Reis, Paulo Costa Santos; Paulo Pedroso (prefácio).** - Porto: REAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal, 1995. - 208 p.: il., quadros, tabelas, gráficos ; 25 cm. - (Cadernos REAPN ; nº 2)

Os problemas da pobreza e da exclusão social ganham uma relevância cada dia maior na nossa sociedade. Por isso se torna cada vez mais prioritária a sua erradicação, objectivo que passa pela criação de medidas inovadoras e pela mobilização crescente das Instituições Particulares de Solidariedade Social, Misericórdias, Mutualidades e outras Organizações Não Governamentais de Solidariedade Social. O livro ONG's de Solidariedade Social: Práticas e Disposições, resulta de uma pesquisa sobre estas instituições abordando os principais contornos organizacionais, os modelos de funcionamento, os quadros valorativos dos seus dirigentes, o seu pensamento a respeito da pobreza e das políticas sociais, e, ainda, procura sondar as suas disponibilidades para empreender actividades inovadoras de combate à exclusão social.

Pelo seu pioneirismo, trata-se de uma obra indispensável a quem queira compreender o tecido institucional da solidariedade social em Portugal, não apenas pelas informações e análises que contém, mas também pelas pistas que abre e pelas estimulantes sugestões que fornece para futuros estudos e debates.

(extraído da obra)

ESTIVILL, Jordi, e outros

**O Partenariado Social na Europa -Uma Estratégia Participativa para a Inserção / Jordi Estivill (Org.); Jordi Estivill, Jean-Pierre Hiernaux, Michael Geddes; António Moreira (tradução, a partir da Edição Espanhola); Odile Quintin (prefácio da edição original); Elza Chambel (prefácio para a tradução Portuguesa).** - Porto: REAPN - Rede Europeia Anti-Pobreza / Portugal, Junho de 1997. - 120 p.: il., tabelas ; 25 cm. - (Cadernos REAPN ; nº 3)

Este livro é o resultado de uma colaboração europeia, como o demonstra a origem diversa dos autores (Estivill, Hiernaux, Geddes, Quintin) mas sobretudo o seu conteúdo. O partenariado, como encontro entre o público e o privado, o económico e o social, utiliza-se cada vez mais em todos os projectos europeus, adquirindo nos

últimos tempos uma dimensão inclusivamente transnacional. Assim, esta publicação dirige-se aos responsáveis políticos e da administração, especialistas e técnicos, membros de organizações voluntárias, cidadãos, em suma, aos que procuram enfrentar a pobreza e a exclusão através de fórmulas paritárias. (extraído da obra)

PORTUGAL. Instituto Nacional de Estatística

**O País em Números: Informação Estatística 1991 - 1999 [CD-ROM].** - Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. - 1 CD-ROM. - (Estatística em CD-ROM)

O CD-ROM País em Números, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Estatística, apresenta um conjunto de informação estatística essencial para a caracterização da realidade portuguesa, com desagregação geográfica ao nível de distrito, concelho, região agrícola e florestal e áreas turístico-promocionais. A informação está organizada em temas como sejam a demografia, o emprego, o comércio internacional, o turismo, a educação e a justiça, podendo ser consultada através de quadros, gráficos e mapas.

SILVA, Augusto Santos

**Cultura e desenvolvimento. Estudos sobre a relação entre o ser e o agir / Augusto Santos Silva.** - Oeiras: Celta Editora, 2000. - 173 p. ; 25 cm.

Os estudos que compõem este livro exploram a relação entre cultura e desenvolvimento.

A cultura convida-nos a partir do sentido que os actores sociais conferem à sua acção, o desenvolvimento convida-nos a qualificar essa acção. Portanto, se a cultura parece constituir o "lugar" mais adequado para pensar a integração das múltiplas dimensões do desenvolvimento, o desenvolvimento permite compreender muito melhor a cultura como quadro, elemento e resultado das relações sociais.

O desenvolvimento tem necessariamente a ver com transformação e mudança. A mudança não há-de ser, porém, concebida como aquilo que se opõe à tradição (...) Este livro, assim como vê a identidade e a acção como dois termos articulados e recusa quer o psicologismo quer o economicismo, assim vê a tradição e a mudança como duas espirais em relação, e recusa vigorosamente a rasura modernista da raiz e da duração, tanto quanto recusa a celebração fundamentalista do passado primordial. (extraído da obra)

FUKUYAMA, Francis

**A grande Ruptura. A natureza humana e a reconstrução da ordem social / Francis Fukuyama; [tradução de] Mário Dias Correia.** - Lisboa: Quetzil Editores, 2000. - 493 p. ; 23 cm.

Francis Fukuyama é um dos mais brilhantes e originais pensadores americanos e os seus livros vieram abrir novas perspectivas face às mudanças do mundo à nossa volta.(...) Na mais provocadora das suas obras, Fukuyama centra a sua atenção nas questões ainda mais fundamentais da natureza da sociedade moderna.

A Grande Ruptura começa por observar que, nos últimos trinta anos, os Estados Unidos e outros países desenvolvidos realizaram uma profunda transformação de sociedades tradicionais em sociedades de informação; o conhecimento substituiu a produção em massa com base da riqueza, poder e interacção social. Ao mesmo tempo, as sociedades ocidentais conheceram um significativo aumento da criminalidade, mudanças fundamentais na fertilidade e na estrutura da família, níveis decrescentes de verdade e o triunfo do individualismo sobre a comunicação.(...)

Tal como a Revolução Industrial trouxe mudanças definitivas nos valores morais da sociedade, no nosso tempo uma Grande Ruptura idêntica provocou mudanças profundas na nossa estrutura social. Baseando-se nos últimos dados sociológicos e nos novos modelos teóricos de disciplinas tão diversas como a economia e a biologia, Fukuyama defende que, embora a antiga ordem tenha sido quebra-

da, uma nova ordem social está já a tomar forma.(...)

Faz parte da natureza humana, afirma, estarmos todos condicionados para forjar ligações uns com os outros, criando coesão social sob novas formas, não só de vizinhança, mas também nas estruturas empresariais e familiares.

Assim, sugere que a Grande Ruptura dos anos sessenta e setenta pode levar à Grande Reconstrução, à medida em que a sociedade ocidental crie um novo tecido de valores sociais e morais apropriado às novas realidades do mundo pós industrial.

O ciclo de ruptura e reconstrução é familiar à história humana e, ao apontar-nos o futuro, Francis Fukuyama desafia as nossas concepções sobre a sociedade e a cultura e abre-nos um novo mundo de possibilidades.

(extraído da obra)

MARTINS, Alberto

**Direito à Cidadania / Alberto Martins.** - Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000. - 223 p. ; 25 cm. - (Coleção "O espírito das leis", dirigida por Jorge Ferreira ; nº 1)

Os textos reunidos sob o título Direito à Cidadania constituem, no seu conjunto, um ponto de encontro do debate político sobre os direitos humanos, os direitos fundamentais dos cidadãos, a recusa do esquecimento como exigência cívica e a qualidade da democracia. Das opções políticas às formulações jurídicas, das regras de procedimento à participação democrática, da inovação científica e tecnológica à legitimação representativa, é todo um caminho que se percorre no estimulante exercício contraditório democrático. E onde se sedimentam as referências matriciais do universalismo humanista e do Estado de direito.

A selecção dos textos que foram sendo introduzidos ao longo dos tempos, na imprensa, no parlamento, enfim no espaço público, justifica-se pela actualidade dos temas, das formulações ou, até, da polémica que os situa. Ou, ainda, na necessidade de resistir ao esquecimento em nome da história e de uma cultura que não desmereça o futuro. (...)

(extraído da obra)

FRIEDMANN, John

**Empowerment. Uma política de desenvolvimento alternativo / John Friedmann; [revisão técnica de] Ana Isabel Madeira e Rita Pimenta; [tradução de] Carlos Silva Pereira.** - Oeiras: Celta editora, 1996. - 197 p. ; 24 cm. - (Coleção "Geografias", coordenada por João Ferrão)

«Mais de metade da população mundial é constituída por pobres, e o número destes tem aumentado tanto nos países ricos como nos subdesenvolvidos. Os milhares de milhões de contos de ajuda externa e investimento privado pouco têm contribuído para melhorar esta situação.

Na maioria dos casos, beneficiaram classes e regiões já integradas na economia global, deixando os pobres entregues a si próprios.

John Friedmann defende que políticas de desenvolvimento baseadas numa doutrina económica conservadora oferecem poucas perspectivas de uma vida melhor para esta maioria de excluídos. Neste seu livro sugere uma abordagem alternativa do desenvolvimento com base na ideia de empowerment. A pobreza é vista, nesta perspectiva, como uma forma social, política e psicológica de disempowerment, isto é, de falta de poder para aceder à participação plena nos espaços de cidadania.

O desenvolvimento alternativo definido pelo autor procura potenciar a iniciativa dos indivíduos, famílias, comunidades e sectores socialmente excluídos.

A crescente procura de políticas de desenvolvimento alternativo orientadas para a democracia e para um crescimento económico, social e ecologicamente sustentado, bem como para a igualdade das mulheres, é visível na proliferação de organizações não governamentais para o desenvolvimento. A ideia de empowerment fornece uma base simultaneamente moral, teórica e política à acção destes novos protagonistas, bem como dos Estados e organismos internacionais.»

## Centro de Recursos disponibiliza Boletim digital



Na sequência do desenvolvimento do Centro de Recursos criado no âmbito da Célula de Animação LEADER e disponibilizado on-line, acaba de ser distribuído o primeiro Boletim por correio electrónico, com informação sobre cinco actividades ligadas ao desenvolvimento local e dez notas bibliográficas.

O Centro de Recursos editará e-boletins quinzenalmente, que serão remetidos a todos os utilizadores que o desejarem. Para isso, mais não há do que fazer a sua inscrição no site da Célula de Animação - <http://caleader.inde.pt/cr/index.htm> - e seleccionar os temas de interesse. Periodicamente receberão no Email indicado informação actualizada e selectiva.



### DESCRIÇÃO DO TERRENO AO REDOR DE LAMEGO DUAS LÉGUAS, 1531-1532 FERNANDES, Rui; Beira Douro, 2001

Com o apoio do Programa LEADER II / BEIRA DOURO

Em 1532, Rui Fernandes, "tratador das lonas e bordates de Lamego", casado no Porto mas cidadão de Lamego, concluiu a sua "Descrição do terreno em roda da cidade de Lamego duas léguas". Mais concretamente: "Tratado de um rico pano de fina verdura que há neste Reino de Portugal de compasso de duas léguas ao redor da cidade de Lamego que é situada em Riba Douro da comarca da Beira, dirigido ao muito ilustre e Magnífico Senhor, o Senhor Dom Fernando bispo da dita cidade e primo de El Rei Nosso Senhor e seu Capelão-Mor, feito por Rui Fernandes, cidadão da dita cidade e tratador das lonas e bordates de El Rei nosso senhor que se em ela fazem".

Do manuscrito original se terá feito, nos finais do século XVII ou inícios do XVIII uma cópia manuscrita, que serviu de base à edição agora dada à estampa pela Beira Douro. Responsável pela edição crítica do documento e pelo tratamento histórico é Amândio Morais Barros. Um texto que revela pormenores essenciais sobre a vida de Lamego no século XVIII ao nível da demografia, da economia e da sociedade urbana. Uma publicação que se transforma num elemento importante para a fixação da identidade cultural de Lamego e da região.

A edição da obra, da responsabilidade da Associação Beira Douro, é um acto de profissão de fé: "Conhecer o passado da região é a melhor forma de compreender o presente e traçar objectivos para o futuro. O que fomos ontem é raiz do que somos hoje e o pretexto para o que queremos ser amanhã. O futuro deve ter alicerces sólidos. A cultura é um dos seus pilares mestres. A Beira Douro quer ajudar a firmá-los".



### ARTISTAS DA NOSSA TERRA (RECOLHA DE POESIA POPULAR ALENTEJANA) Edição do Centro Cultural de Borba, 1998

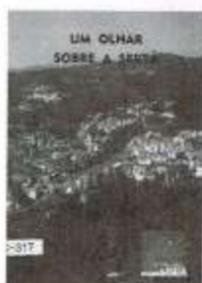
Com o apoio do Programa LEADER II / MONTE ACE

"Gostava de vos apresentar / Um poema, mas bem feito, / Que fosse quase perfeito... / Garanto que estou a tentar / Mas não lembro nada de jeito".

Este início de poema é prova evidente que, no Alentejo, é frequente encontrar pessoas de rima fácil. Em volta de uma mesa, num grupo de amigos, copo de vinho na mão, o improviso da rima entretém as horas. Muitas vezes, esses improvisos perdem-se nos ouvidos dos presentes, outras vezes nos rascunhos esquecidos nos bolsos. O Centro Cultural de Borba, sensível a esta realidade cultural, resolveu editar em livro um conjunto de poetas que, de outra forma, não teriam possibilidade de publicar os seus poemas.

Ao todo são oito poetas: Altino Carriço, António Prates, António Passinhas, Manuel Passinhas, Jerónimo Major, Manuel Serrachino, Manuel Caeiro e Sebastião Perdigão.

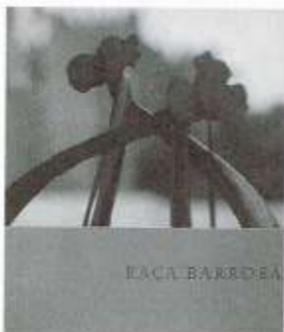
Sem cultura e sem noção / Não pode haver alegria / A cultura é como o pão / Faz falta no dia a dia. A publicação do Centro Cultural de Borba, apoiada pelo LEADER da Monte é um belo contributo à cultura alentejana e nacional.



### UM OLHAR SOBRE A SERTÃ

PINHAL MAIOR, Associação de Desenvolvimento do Pinhal interior Sul, sem data.

Obra que dá a público o trabalho desenvolvido no âmbito do Programa de Luta contra a Pobreza da Sertã. Dele constam a definição de objectivos e estratégias de acção, as áreas de intervenção do Programa, com ilustração das diversas intervenções, parcerias envolvidas, resultados obtidos e testemunhos dos principais interlocutores.



### RAÇA BARROSÃ

Edição da AMIBA, Associação de Criadores de Bovinos da raça Barrosã, 2001

Com o apoio do Programa LEADER II / ADER SOUSA, ADRIMINHO, ATAHCA, PROBASTO, SOL DO AVE

Com a coordenação de edição de Adelino Gouveia, José Vieira Leite e Rui Dantas, esta é a monografia da Raça Barrosã e uma homenagem de prestígio a um animal característico do Minho e de Trás-os-Montes, dócil, de pele grossa mas macia, pelagem castanha clara, coxas largas e bem musculadas, ventre pouco volumoso, costado bem arqueado e cabeça curta e alta, encimada por forte cornamenta em forma de lira alta. Animal de que Guerra Junqueiro escrevia nos Simples: "Oh os bois enormes, mansos como arminhos, / Meditando estranhas, incúbas visões)... / Pousam-lhe nas hastes, vede, os passarinhos, / E por sobre os longos, tórridos caminhos / Dos seus olhos caem bençãos e perdões..."

Ao longo de 110 páginas, profusamente ilustradas, 27 autores deixam o seu testemunho sobre esta raça autóctone, envolvendo aspectos técnicos, históricos, culturais, etnográficos de uma raça cujo efectivo se espalha por 25 concelhos do norte do país.

E se bem que não expresso directamente na obra, significativo é o facto de se tratar de um projecto de cooperação entre cinco associações de desenvolvimento local que lograram congregar num projecto conjunto os produtores do Minho e de Trás-os-Montes.



### www.origin-food.org

Este é um site que resultou de um projecto conjunto entre várias instituições europeias ligadas à investigação sobre produtos com certificado de origem. Respondendo ao objectivo principal - o trabalho em rede entre especialistas em pesquisa nesta área - foi criada uma página na Internet comum às várias entidades científicas que permite a rápida disseminação de resultados e de instrumentos ligados à investigação. Os principais visados são os pesquisadores, os políticos, as empresas, os consumidores e, em geral, todos os que estão ligados aos produtos com certificados de origem.

Esta página da acção concertada DOLPHINS (Desenvolvimento dos Produtos com Certificado de Origem; Humanidade, Inovação e Sustentabilidade) disponibiliza uma vasta informação. Organizada de uma forma simples, num menu lateral, essa informação está disponível numa base de dados segundo três grandes temas: Entidades científicas; Publicações e Resultados de pesquisa.

Outras consultas são possíveis. Além de informações sobre os parceiros do projecto e das ligações aos sites oficiais dos ministérios da agricultura dos países envolvidos o item "news" disponibiliza informação actualizada sobre os principais eventos ligados a grandes temas como a Agricultura, Desenvolvimento Sustentável, Segurança alimentar, que hoje assumem grande importância a nível global.



### www.colectividades.org

Aqui mora o associativismo popular! Uma frase que pode resumir o objectivo do site www.colectividades.org criado pela Federação Portuguesa de Colectividades de Cultura e Recreio (FPCCR) entidade criada em 1944 para representar colectividades e outras associações culturais, de recreio e de desporto. Tendo como principal finalidade incentivar o associativismo entre colectividades, como forma de promover a sua valorização, esta é uma página que disponibiliza alguns instrumentos importantes neste processo. Além da informação respeitante à FPCCR - estatutos, corpos gerentes, etc. - está disponível um boletim de inscrição para as colectividades interessadas na adesão. No entanto, antes de aderir, poderá ser importante conhecer alguns dos restantes membros. O item "sala de convívio" permite a ligação e o conhecimento dessas entidades através da ligação aos respectivos sites. Importante, também, é o item "consultório" onde se encontram perguntas e respostas frequentes na área do associativismo com a possibilidade de se fazerem perguntas on-line.

Consciente da importância da Internet a FPCCR está a levar a cabo o projecto-piloto "2001 Associações" de luta contra a info-exclusão com colectividades situadas em freguesias "de risco". Este projecto apoiado pelo POSI/Ministério da Ciência e Tecnologia visa criar condições de acesso às novas tecnologias de informação. As colectividades (pertencentes à federação ou não) poderão enviar as suas candidaturas, preenchendo o formulário disponibilizado.



### www.rtemplarios.pt

A Região de Turismo dos Templários criou o site www.rtemplarios.pt com o objectivo de promover todo o património existente no conjunto de concelhos que a compõem. Numa região muito marcada pela presença de ordens religiosas, nomeadamente a Ordem dos Templários, o património cultural ligado ao período de reconquista cristã - castelos, igrejas, conventos - é por si só a razão para uma visita. Para quem desconhece os restantes pontos de interesse da região este site é uma boa fonte de informação para a organização dessa visita. Optando pela panorâmica geral dada no item "região templária" ficamos com uma ideia geral do que a zona nos pode oferecer em termos de cultura, gastronomia, eventos, museus, alojamento, etc.

Se já se conhece a região e se pretende saber o que se pode encontrar num concelho específico este site permite percorrer os 11 concelhos que a compõem, um a um, dando uma perspectiva mais objectiva do que poderá encontrar em cada um desses concelhos em termos de património, gastronomia, alojamento, etc. facilitando a organização de um percurso.

Para completar esta página o item "acessos" junta-se à restante informação para guiar qualquer visitante no estabelecimento de um roteiro completo para uma visita à Região de Turismo dos Templários.

# Em tons de ouro



foto: Álvaro Rosendo

**Tempo real.** Perdem-se as artes e quebram-se os feitiços. O Homem, século após século, tentou perceber e dominar a matéria. Serviu-se dela para os mais diversos desígnios, do mais nobre ao mais vil. Hoje em dia, pretendemos dominar o tempo, por intermédio de artificios virtuais. Os objectos que pertencem ao passado, só existem, caso lhes seja atribuído um valor comercial. Entrámos noutra dimensão. O "eu penso, logo existo" está fora de prazo, em muitos contextos do mundo, versão "tempo real". "Eu compro, logo valho", é o moto da era XXI.

**Flash-back.** A porta range nos gonços. Pesada, abre-se para deixar entrar uma velhinha, embrulhada na luz quente do dia. A pedra esculpida pelos mestres do Gótico e a atmosfera húmida, fria e obscura são imponentes. Austero convíte à meditação. A devota obediente ajoelha-se, junta as mãos e reza a Deus. Ensimesmada, ainda não sabe que não está sozinha. Junto ao altar estão homens a trabalhar. Ao pressentir esta presença, abre os olhos e levanta a cara. Primeiro fica abismada, arrepiada e expulsa um ai assustado e assustador. Termina a frase, com um murmúrio, "há pessoas que nunca haviam de morrer".

**Intemporal.** Palavras como meditação ou contemplação quase se tornaram obsoletas. A espiritualidade já não reúne a unanimidade. No entanto, pode assumir várias linguagens. Há quem diga que a arte é uma maneira de comunicar com Deus. José Marques, mestre, técnico e artesão de talha e talha dourada, é um virtuoso nesta matéria. Os códigos de arte sacra deixaram de ser impenetráveis para ele, há bastante tempo. Embora ele se considere um eterno aprendiz.

**Princípio.** Entre os 16 anos da iniciação e os 60 anos da sabedoria, José Marques nunca baixou os braços. O primeiro contacto com a matéria ocorreu cedo, na adolescência. Fernando Carvalho das Neves,

formado nas Belas-Artes (Porto) foi o seu mestre na arte da talha, na fábrica J.R. Silva, no Carregal do Sal. Aconteceu nos anos 50, quando o concelho do Carregal arrancava o seu ciclo do móvel, que perdura e se afirma, ainda, nos nossos dias.

**História.** Os anos passaram e criaram-se laços familiares e profissionais. Em 1969, nasce a firma "Carvalho e Marques". O negócio foi-se desenvolvendo e a firma crescendo. Nos anos 70, chegaram a trabalhar ali 32 pessoas. O 25 de Abril veio quebrar o ritmo. As encomendas de talha começaram a escassear. E, progressivamente, a "Carvalho e Marques" dedicou-se mais aos douramentos, deixando os móveis de talha. Resultado: reconverteram-se e entraram no ramo da arte sacra a 99%. O principal cliente da firma "Carvalho e Marques" viria a ser a Igreja.

**Tempo morto.** Um património rico esperava estas mãos para lhe ser feito justiça. O tempo e sobretudo os homens tinham-no mal tratado, espoliado e negligenciado. "Há arte sacra que não dá para recuperar, também desapareceu e se estragou muita coisa. As igrejas e as capelas estão abandonadas, são pilhadas por gente sem escrúpulos, para serem depois compradas por antiquários, que as vendem a preços elevados." Além disso, o outro inimigo da arte, em geral, e da arte sacra, em particular, é a ignorância. Uma peça, como, por exemplo, um crucifixo, pode ter um elevado valor inicial e depois de recuperado sem critério, nem conhecimento, pode valer dez vezes menos e ficar para sempre irrecuperável.

**Vidas.** Como os cinco dedos da mão, a firma emprega hoje cinco pessoas. Cada qual exerce a sua técnica e todos foram formados na firma. O mais novo tem 26 anos. O trabalho é feito na oficina ou in loco, nas igrejas. "A montagem, a pintura e o douramento tem que ser feito lá e tem um custo muito acrescido." José Marques é um pragmático, até no

que diz respeito à selecção dos clientes. O Estado, por exemplo, é persona non grata. A razão é simples, "é mau pagador". A firma não vive de fé e de água benta. Criar, recriar e restaurar arte sacra exige muito talento e muito trabalho, daí um valor elevado.

Séculos e séculos modelaram estas obras de arte. Nem todas as mãos têm a sensibilidade e a ciência requeridas. A vocação, as técnicas e as fórmulas também não caem do céu. A memória é sagrada. "Há segredos que acabam por ir para a sepultura quando as pessoas morrem e mais ninguém sabe como é que as coisas se fazem. Isto acontece com todo o industrial que trabalha em arte sacra." Aliás, há um ambiente de secretismo em torno de cada restauração. Qualquer produto, mesmo o ouro, é constituído a partir de uma receita. As misturas para aplicação nas obras, são preparadas na oficina e vão para as igrejas em embalagens com códigos. "Quase toda a gente que trabalha em arte sacra, não faz menção do produto, usa códigos. São segredos de profissão."

**Amanhã.** A formação na área da talha e, nomeadamente da talha dourada faz falta. Por respeito pela tradição, as competências e as potencialidades locais, "é absolutamente imprescindível que se crie no concelho um escola de artes e ofícios". O pároco de Oliveira do Conde rendeu-se à beleza e à perfeição das obras da "Carvalho e Marques", assim como todos os fiéis desta igreja, património nacional.

**Sempre.** José Marques é um homem modesto. É um curioso. Humilde perante a obra de arte e do artista diz, "sempre que há uma peça para recuperar, temos que ir à descoberta da matéria, da maneira como foi feita. Temos que aprender para recuperar. Tenho 60 anos e ainda estou a aprender."

Maria do Rosário Aranha  
maranha@inde.pt

## Ficha Técnica

### Pessoas e Lugares

Jornal de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

### Propriedade:

INDE - Intercooperação e Desenvolvimento, CRL

### Administração e Redacção:

INDE/Célula de Animação da Rede Portuguesa LEADER II

Rua Marquesa de Alorna, nº 34 - 2º Esq.  
1700-304 LISBOA

Tel. 21.8446595 | Fax.21.8446623

Email. caleader@inde.pt

Site: <http://caleader.inde.pt>

Mensário

**Director:** Samuel Thirion

**Editor:** Camilo Mortágua

**Chefe de Redacção:**

Francisco Botelho

**Editor Gráfico:** Ana Alvim / Isto É

**Redacção:** Helena Santos, João

Limão, Paula Matos dos Santos,

Maria do Rosário Aranha

**Colaboraram neste número:**

ADERSOUSA, Ana Paula Raposo, Inácio

Pignatelli, Luís Alvarez, Luís Chaves

**Paginação e pré-impressão:**

Isto é, comunicação visual, lda

Rua de Serralves, 693-697

Apartado 1503

4107-001 PORTO

Tel.: 22 616 65 70 | Fax: 22 616 65 79

e-mail: isto-e@esoterica.pt

**Impressão:** Tipografia Silvas, CRL

Rua D. Pedro V, 122 - 1º E

1250-094 LISBOA

**Número de exemplares:** 4.000

**Depósito Legal** nº 142 507/99

**Registo ICS** nº 123 607



Comissão Europeia

Programa LEADER II